REVISTA DA SEMANA

N. 11 12-3-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



PASCHOAL CARLOS MAGNO CONSIDERA:

"MANGABEIRA, PLÍNIO E PRESTES, TRÊS IDEALISTAS SINCEROS"







À esquerda: o samba em sua roupagem de gala. Em cima: duas figuras típicas de nossas Escolas de Samba, uma baiana e uma pastôra

O samba em grande gala no desfile das

ESCOLAS DE SAMBA







As privações, as economias do ano inteiro estão compensadas por essa apoteose de alegria derramada em música e ritmo do morro.





Êste quarteto de cabrochas representa as mais legítimas expressões do samba puro que toma conta da cidade durante o carnaval.





O samba em grande gala no desfile das Escolas de Samba







Dizem que a raça é triste, mas há todos os anos uma explosão de alegria contagiando a cidade e atraindo as atenções do mundo.

UM dos grandes acontecimentos do Carnaval carioca é o samba que desce o morro e toma conta da cidade, contagiando todo mundo com o ritmo de suas batucadas e a coreografia das mulatas, verdadeiras rainhas vivendo um reinado efêmero de alegrias e cores berrantes. Essa gente simples que constitui as escolas de samba encontra nos dias de Carnaval um motivo tradicional para expandir um entusiasmo e uma alegria sufocada durante o ano inteiro pelas dificuldades da vida e péssimas condições de sobrevivência. Mas quando chega o Carnaval os sofrimentos são esquecidos, as escassas economias são gastas sem restrições e as fantasias são compradas para vestir o samba em grande gala e exibi-lo ao mundo inteiro que

A porta-estandarte é uma espécie de depositária das glórias de seu grupo. Respeitada e admirada pelos companheiros, é a figura central das Escolas.







Sem «baiana» não pode haver Escola de Samba. E' um velho motivo que se renova todos os anos.

vem conhecê-lo nas ruas do Rio. É um torneio difícil, com centenas de competidores, "escolas" de vários morros e de diversos recantos da cidade, todos empenhados em mostrar ao povo quem samba melhor. Preferimos dizer que não existem nesse pleito vitoriosos nem vencidos, todos dão sua parcela de alegria e animação para garantir a grande fama do Carnaval carioca. Salve as Escolas de Samba! Elas vêm de Mangueira, ou Portela, de bairros humildes e de subúrbios distantes, trazendo no ritmo de suas baterias, nas cores vistosas de suas fantasias, ou no bamboleio das pernas de suas mulatas a apoteose de uma raça chamada triste, mas que sabe dar a maior demonstração de alegria coletiva de todos os povos da terra. Enquanto houver Escolas de Samba o Carnaval não morrerá.

O samba em grande gala no desfile das Escolas de Samba







Todo mundo gosta de ver o samba em sua noite de gala, trazendo para as ruas da cidade tôdas as reservas de alegria condensadas na alma do povo.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 11 — Rio de Janeiro — 12-3-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

O samba em grande gala 2/6
Um sôpro de peste devasta o Brasil .. 8/11
Noite existencialista no João Caetano 34/39
Uma americana na côrte do rei Exu .. 49/52
Carnaval do Bola Preta 12/13
Baile da Embaixada do Sossêgo 14/15
Carnaval em Quitandinha 18/21
Baile do Jóquei Clube 22/23
Carnaval no Copacabana Palace 24/29
Carnaval no Montanha Clube 41
Baile do Iate Clube 42/44
Baile do Ginástico Português 46/47

● SEÇÕES

Palavras cruzadas 16
Femininas 32/33
Astrológica 41
Black-Beer 48
A figura em foco 53

● HUMORISMO

O riso dos outros 48
Fortuna 54/55

● LITERATURA

Conflito que não existiu (Adalgisa Nery) 7
Fátima - Revelação dos três pastôres 30/31

● CAPA

GINGER ROGERS e ELAINE STEWART
(Foto Vítor Tapajós)

● CONTRA-CAPA

NÚCIA MIRANDA
(Foto Alberto Ferreira)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

Conflito que não existiu

● Dizem que a realidade sempre é menor. E deve ser para a maioria das criaturas, isso mesmo. Para mim, essa frase sofre uma alteração: a realidade sempre é maior. Acompanhei com extremo interêsse o caso dos dois irmãos que se casaram na ignorância total do fator consanguíneo. A notícia deu-me um grande choque e passei dias sofrendo pelo casal como se o conflito me pertencesse. Imaginei o drama daquela mulher moça de vinte e quatro anos marcada com um fato cruel na sua existência. Calculei as noites de insônia e horror do marido olhando os seus filhos adormecidos e distantes da sua tragédia. Interpretei o conflito dessas crianças ao tomarem conhecimento dêsse matrimônio de irmãos, quando se identificassem e meditassem futuramente sôbre a sua ascendência.

● Como latina e pessoa de larga imaginação, passei dias torturada com êsse caso noticiado pela imprensa mundial. Sentia várias vidas irremediàvelmente estraçalhadas pelo destino. Essa notícia foi espalhada pelo mundo inteiro, há quinze dias. Imediatamente separados e anulado o casamento, minha imaginação e minha sensibilidade criaram um ambiente desolador para essas existências inocentes em culpa tão estranha! Certamente acreditei que essa mulher protagonista involuntária num drama tão penoso, iria, pelo menos, temporàriamente, se recolher ao silêncio.

● Eis porém que para espanto meu, leio agora que os jornais londrinos reproduzem uma fotografia da jovem inglêsa ao lado do seu noivo, um cabo do exército britânico, inclinada amorosamente sôbre o ombro dêsse que vai substituir tão ràpidamente o seu espôso. Verdadeiramente, essa jovem deve pensar como a maioria das criaturas dêsse mundo de Deus: a realidade sempre é menor.

Mas eu fico no meu espanto acrescido com a frase: A realidade sempre é maior! Talvez eu não chegue a conhecer qual das duas frases escolherão os filhos dessa mulher infeliz. Deve ser tão bom ser uma mulher inglêsa e achar que a vida tem de continuar apesar dos conflitos de alma!

ADALGISA NERY

PASCOAL CARLOS MAGNO, ENOJADO DE POLÍTICA:

UM SÔPRO DE PESTE DEVASTA O BRASIL

("Foram quatro anos sem Cristo!")

HÁ TRÊS HOMENS IDEALISTAS NESTE PAÍS, EMBORA EM CAMPOS DIFERENTES: O DEMOCRATA OCTAVIO MANGABEIRA, O INTEGRALISTA PLÍNIO SALGADO E O COMUNISTA LUÍS CARLOS PRESTES ★ ELEITORADO DA UDN, TÃO ESCLARECIDO QUANTO OS OUTROS: NÃO ELEGEU BELTRÃO NEM JOPPERT ★ COMÍCIO NO BRASIL É SEMEAR ÓDIOS, RUGIR E GESTICULAR ★ PORQUE COMBATEU GETÚLIO, A QUEM DEVIA FINEZAS ★ SUA MAIOR HUMILHAÇÃO: VOLTAR PARA CASA ESCOLTADO COMO UM CRIMINOSO, EM 24 DE AGÔSTO ★ UNIÃO NACIONAL, REFRÃO LÍRICO ★ NÃO HÁ PREPARAÇÃO PARA UMA DEMOCRACIA PERFEITA ★ JUSCELINO, A CONSTITUIÇÃO E A FALTA DE OUTRO CANDIDATO ★ CONFIANÇA E ESPERANÇA, SIM, NA JUVENTUDE ★ OS OUTROS...

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA — **Fotos de A. VIEIRA**

— Como se deu o seu ingresso na Política?

— Encontrava-me na Suíça — responde Pascoal — como delegado adjunto do Brasil à Comissão da ONU para os Balkans, quando uma madrugada meu caro e saudoso Jones Rocha me telefonou para informar que tinha sido indicado candidato a vereador, notícia confirmada depois por telegrama de Celso Mendonça e carta de Carlos Lacerda. Aceitei a candidatura sem esperanças de ser eleito e, caso o fôsse, para continuar servindo à causa da cultura, especialmente lutando pela solução dos problemas que afligem aos jovens.

— E que impressão lhe deu o organismo partidário ao qual ficou filiado?

— Honro-me de ter feito parte de uma bancada onde havia figuras líderes do valor de Mário Martins, Gladstone Chaves de Melo, Lígia Lessa Bastos e Aníbal Espinheira, um grupo trabalhador, com grande consciência da causa pública. Mas a verdade é que nunca nenhum de nós foi orientado pelo Partido. Se erramos ou acertamos, fôram o nosso bom senso, o nosso patriotismo, a nossa consciência individual diante dos problemas coletivos, que nos conduziram. Será que nos outros Partidos acontece o mesmo? Não haverá nêles também consultores, nem especialistas para cuidar dos problemas em pauta nas casas legislativas e orientar, dentro de uma doutrina partidária, seus representantes, como devem agir? Penso que sim.

— Sai então da Política, desencantado...

Pascoal sorri com melancolia:

— Desencantado não é o termo, mas enojado. Veja, por exemplo, o caso último da Presidência da Câmara dos Deputados. Não queriam o Ranieri Mazzili. Mas por que a U.D.N. não foi buscar e apontar à consideração da Casa um nome puro, de um velho combatente, de projeção internacional, como Otávio Mangabeira? Dir-me-ão «os políticos» que perderiam dêsse modo o pleito, mas ganhariam em fôrça diante do país inteiro, porque haviam votado em alguém, de gabarito alto, que nenhuma concessão fêz aos que a UDN combateu e combate há tantos e tantos anos.

— E a propósito de gabarito: Quem você considera o maior político do Brasil?

A resposta vem pronta, sem meditação:

— É Otávio Mangabeira, porque há trinta anos defende a sua liberdade, a minha e a liberdade de todos nós, como um território sagrado.

E ajuntou:

— Mas admiro a todos aquêles que, por fôrça de um ideal, tudo sacrificam, como é o caso de dois homens cujas idéias não sigo mas cuja fôrça, cuja coragem de resolução, admiro: Plínio Salgado e Luís Carlos Prestes. Êste, se quizesse renunciar aos ideais que prega, podia ter no Brasil de hoje uma posição igual ou maior à de Juarez Távora ou Eduardo Gomes. E renuncia a tôdas as vantagens de uma vida ao ar livre, preferindo o exílio, a existência subterrânea, certo de que age assim melhor para servir a sua causa. Num país de invertebrados, impressionam esses homens inteiriços.

Depois, esclarecendo melhor as suas tendências democráticas:

— O país está cansado de saber que não sou comunista. Mas acho e sempre achei um absurdo que numa nação considerada democrata, e portanto onde a liberdade deve imperar, milhões de brasileiros não possam falar alto seus ideais, por estar seu partido tacanhamente considerado «ilegal». Curioso é que, amigos dos EE.UU., da França, Itália, Inglaterra e de outras terras mais civilizadas que a nossa, ignoramos que nelas haja, para inteira significação do que se cha-



— ... e não me venham mais dizer que o eleitorado da UDN é o mais esclarecido da cidade...

● *Intensificando esta série de grandes entrevistas políticas, a REVISTA DA SEMANA oferece ao leitor, agora, a palavra do ex-vereador Pascoal Carlos Magno, derrotado nas últimas eleições, quando candidato pela UDN, à Câmara Federal. O que representa êste esfôrço jornalístico, fàcilmente há de o público compreendê-lo: trata-se de uma obra que a seu tempo irá testar o seu grau de profundidade, e cuja intenção única é a de alertar a Nação, sôbre os perigos da hora presente. À palavra de Jânio Quadros e Carlos Lacerda, junta-se hoje a de Pascoal, que também tinha algo a dizer, com desassombrada sinceridade. Pois só os homens públicos dispostos a abrir a alma e expôr seus pontos de vista com tôda a franqueza, são chamados a prestar depoimento nesta "enquête", que dá ao entrevistado ampla liberdade de pensamento e de palavra.*

Outros cidadãos estão convidados a prestar seu concurso ao nosso trabalho, que, pela elevação de vistas em que está situado, vale por um proveitoso serviço prestado ao povo brasileiro e aos seus homens de govêrno. Lacerda vinha de uma viagem à Portugal e à Espanha, para assumir seu pôsto na Câmara; Jânio regressava de uma excursão, mais longa, para tomar as rédeas do govêrno paulista. Ao inverso, Pascoal apresta-se para sair do país, afastando-se da política, enojado, para exercer o cargo de Cônsul em Milão. Acreditamos que poucas vêzes um diplomata brasileiro disse tantas e tão duras verdades aos seus compatriotas. Êste é o seu depoimento:

ma democracia, o partido comunista, por nós considerado ilegal...

POR QUE NÃO RENUNCIOU?

— Desde que sentiu o desencanto da política, por que não renunciou à sua cadeira na Câmara?

— Logo no primeiro trimestre de minha legislatura — respondeu Pascoal — ao assistir à votação vitoriosa de determinado projeto contrário aos interêsses da cidade e para servir apenas aos «políticos», tive o desejo de renunciar, sim. Não nascera para compactuar com aquela falta de vergonha. Alguém me ouviu a revolta e publicou no seu jornal, o «Diário Carioca», a minha decisão. Durante quarenta e oito horas sofri o mais terrível assédio de telegramas, cartas e telefonemas. Nunca esquecerei a senhora que me telefonou às sete da manhã, enfurecida:

— Que história é essa de renunciar? Não vá fazer o mesmo que o Carlos Lacerda e o Adauto Cardoso. Eu lhe dei meus votos — o meu, de meu marido e meus filhos...

«Deu-me uma lição terrível do que representa não desmentir a confiança de milhares. Fiz um severo exame de consciência e fiquei.

— Acredita ter cumprido a sua missão?

— Não sei se fui bom ou mau vereador. Participei de Comissões. Apresentei projetos. Dei meu voto conscientemente a favor e contra projetos que me pareciam úteis ou nocivos à cidade. Mas fui dos que, graças a Deus, menos falaram. Porque aprendi com os inglêses o horror ao hábito brasileiro de falar sôbre todos os assuntos, dos quais muito poucos entendem de verdade. Creio que para os brasileiros, «político» bom e só o que fala e, possìvelmente melhor ainda, quando insulta o alheio. É só ver o resultado das últimas eleições para se ficar completamente desencantado do eleitorado brasileiro.

— E o que aconselha para melhorar o panorama?

Pascoal estende os olhos pela vista bonita da cidade, lá em baixo, e parece mais desanimado naquela manhã luminosa:

— Não se vai modificar êsse panorama com discursos escritos ou falados, e êsses todos na capital da República. É preciso que a gente não comprometida se junte e forme um grupo disposto a não chegar ao poder, mas a preparar o caminho ao poder, de gente que se pareça com ela. Será um trabalho heróico de quinze, vinte anos ou mais. Exigirá muita perseverança, persistência, renúncia e desinterêsse. Trabalho de pregação, de fundação de núcleos estaduais nas capitais e no interior, afrontando tôda a série de obstáculos e dificuldades. Enfim, é preciso formar uma nova geração, orientando-a dentro de uma linha de procedimento e conduzindo-a a um comportamento que se coadune com o ideal de todo o país.

O EXEMPLO «24 DE AGÔSTO»

— Para provar o que digo temos o caso do 24 de agôsto. A oposição venceu. O edifício ruiu. Tudo muito rápido, como num passe de mágica. Com raras exceções, os homens chamados a governar pertenceram aos quadros dos que nos governaram nos últimos trinta anos. Essa ausência de condutores novos é reflexo da falta de partidos autênticos, de elites preparadas para conduzir as massas que por sua vez têm de ser trabalhadas por aquelas. Não é o caso de se fazer parte da oposição ou do govêrno, mas de uma e do outro terem programas seus, defendê-los, lutar por êle, não só quando atingem o poder, mas sempre, a vida inteira.

Exemplificando:

— A hora que vivemos é grave. Mas aqueles que são mais bem equipados material e intelectualmente não podem, de maneira alguma, aceitar a posição egoísta, a tibieza cômoda, a inércia dos que nada querem fazer a não ser com olhos nos seus próprios interêsses e no seu conforto individual. É preciso que lutem pelo bem para que não se lhes ajuste aquêle verso do Dante, de «terem vivido sem infâmia e sem louvor». Cabe aos que são inteligentes e cultos, o dever de guiar. Mas guiar não sòmente para obter votos. Guiar para abrir estradas e acabar com essa falta de caráter que a todos nós deprime e envergonha como nação. Gustave le Bonn diz que «uma civilização implica em régras fixas, disciplina, a passagem do instintivo para o racional, a previdência do futuro, um grau elevado de cultura, condições totalmente inacessíveis às multidões abandonadas a si mesmas...»



— Não se vai modificar êsse panorama com discursos escritos ou falados, e todos na capital da República...

Saíu da política endividado e vai

UM SÔPRO DE PESTE DEVASTA O BRASIL

Pascoal é um desiludido das gerações maiores, voltando suas esperanças para a juventude. E diz:

— Podemos acreditar nas reservas da mocidade, se formos ao encontro dos seus ideais e do seu desejo de servir. Olhe, visitei de 27 de dezembro ao fim de janeiro, tôdas as nossas capitais, de Manaus a Pôrto Alegre. Por tôda parte essa mocidade esquecida dos governos, dos homens de fortuna, do poder legislativo, se multiplica em casas de estudantes, teatros de estudantes, orquestras, centros de estudos, bibliotecas, etc. Mas quem a ouve? Quem a ajuda? Nunca esquecerei o espetáculo degradante, humilhador, da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte, com suas centenas de jovens vivendo numa casa em ruínas, num ambiente de miséria de doer. Onde os homens de fortuna dêsse Estado ou de outros para ampara-los? Onde o govêrno?

E prosseguindo:

— Nosso amigo o governador Sílvio Pedrosa, por fim, cedeu-lhes um edifício do Estado, abandonado, no antigo quartel de polícia, colocado ao lado de uma residência para menores delinqüentes, que gritam o dia inteiro, enquanto trezentos estudantes precisam estudar... O que vi em Natal, comandado por Wellington Bezerra, um bravo moço, me fêz mais do que nunca acreditar na mocidade brasileira. Deram-lhe o quartel velho, aos pedaços. Estudantes se transformaram em pedreiros, carpinteiros, pintores. Vai ser a Casa do Estudante mais bonita do Brasil. Nossos moços realizam, desajudados dos ricos e do govêrno, para alegria dos que ainda acreditam nêste pobre país onde o descalabro é geral e que vem das camadas altas num sôpro de peste — uma obra admirável. Quanto a mim, nunca ambicionei ser vereador ou deputado. Carlos Lacerda escreveu durante a campanha eleitoral que eu tenho a «mania de ajudar o próximo». Acho que não é mania o empenho de servir a muitos e aos melhores, por um sentido coletivo e objetivo, sinceramente arraigado no coração. É apenas o melhor modo de servir ao Deus que nos criou a todos e cuja face é semelhante à nossa.

PORQUE VOLTOU A CANDIDATAR-SE

A palestra estendeu-se pela manhã adiante. Uma pergunta indiscreta foi jogada, em cheio:

— Mas por que voltou a candidatar-se em 54?

— Já esperava a pergunta — respondeu Pascoal Carlos Magno. Em verdade não me candidatei — candidataram-me. E liguei tanta importância ao caso que, todos sabem, no calôr da campanha eleitoral, ausentei-me do Brasil por várias semanas para uma viagem à Europa. E nos primeiros dias de setembro, dirigia ao deputado Maurício Joppert, presidente da UDN no Distrito Federal, uma carta em que desistia da minha candidatura por motivos políticos, ou melhor, por motivos anti-políticos. Eu não sabia exatamente o que era política, de que nunca me ocupara. Cheguei perto e vi que é uma espécie de febre, com surtos de desconfiança que parecem atingir o ódio. E como concluí que não sei fingir que odeio, resolvi deixar a política.

Uma pausa, uma telefonema atendida e Pascoal continua:

— Essa carta confirmava o que desejara fazer mêses antes, em fins de junho, ao seguir para a Alemanha — deixar de ser candidato. Alguns dos meus melhores amigos da UDN, com Adauto Lúcio Cardoso a frente, quizeram que eu ficasse: «Se essa carta fôr publicada numa hora destas, V. fará um mal imenso ao Partido», diziam-me. Fiquei. Recolhi as cópias da carta já distribuídas e continuei a figurar como candidato, visto que essa era a vontade dos meus amigos. Não tive a menor intervenção material nas placas em que meu nome figurou, sempre ao lado de candidatos a vereador, aos quais me sinto extremamente reconhecido: Aníbal Espinheira, Ari Marcondes Bougleux, Francisco de Paula Oliveira, J. G. de Araújo Jorge, Rimond Baruqui e Sales Neto. Minha única proesa de cabo eleitoral foi, no dia da eleição, levar no carro de meu irmão, à seção da Escola Coelho Neto, em Ricardo de Albuquerque, a um professor nosso amigo — que suponho ter sido meu votante — e que tem noventa anos.

A DERROTA DA UDN

— O resultado do pleito foi para o nosso partido uma dolorosa decepção. No Rio, a UDN foi derrotada. Em pleito anterior, havíamos eleito, sòzinhos, deputados: Maurício Joppert, Heitor Beltrão e Breno da Silveira. Nêste, fizemos uma «Aliança Popular», tivemos o prestígio da campanha liderada pela fôrça e pela presença de Carlos Lacerda, sem falar nos nossos ásperos anos de oposição, e fizemos apenas três deputados: Odilon Braga, Mário Martins e Adauto Lúcio Cardoso, visto que Carlos Lacerda há muito não pertence à UDN e Frota Aguiar e Gurgel do Amaral nunca foram dos nossos quadros e até bem pouco tempo eram getulistas exaltados. Só lamento que o povo carioca não reconduzisse à Câmara Federal dois combatentes excepcionais, dois homens digníssimos como Heitor Beltrão e Maurício Joppert da Silva.

E sorrindo, o seu sorriso amargurado:

— Depois do resultado de outubro, não me venham mais dizer que o eleitorado da UDN é o mais esclarecido da cidade, como me cansei de ouvir durante quatro anos de legislatura. É igualzinho aos demais, pois só assim se explica a derrota desses dois admiráveis brasileiros. Nenhuma diferença existe.

TRAIÇÃO DOS ESTUDANTE?

— Fiquei durante algum tempo irritado com os que, diante dos dois mil votos por mim alcançados no pleito, afirmavam que «os estudantes me haviam traído», e coisas parecidas na sua estupidez. Na verdade, nunca lhes pedi coisa alguma. Nunca visitei uma Faculdade, um colégio, um centro universitário, para solicitar votos. Na noite inaugural do XII Congresso Nacional de Estudantes, na Universidade Rural, do qual era Presidente de Honra, cabia-me fazer o discurso de abertura. Fi-lo. Tratei de um assunto que a todos interessava — o da marcha das universidades da periferia para o centro. Uma oração amadurecida pelo trabalho e pela reflexão. Essas centenas de moços de todo o Brasil ouviu-me em silêncio e me aplaudiu de pé. Mas, terminada a sessão, tôda flamejante de discursos violentos contra o govêrno, muitos acadêmicos me vieram falar: — «Por que não «meteu o pau» no Getúlio?» E diante do meu espanto: «Assim seu discurso seria dez vêzes mais aplaudido». Um dêles arriscou: «Doutor, o senhor é nosso amigo e sabe que, para fazer sucesso nesta hora, só mostrando os pôdres dessa gente!» Pelo que pude depreender, êsses e outros não se interessavam pela oração que me obrigara a horas e dias de estudo, tratando de assunto grave e sério, o da situação geográfica das Universidades com vantagens para a coletividade.

— Houve então, traição?

— De modo algum — replica Pascoal. Mesmo os que já tem idade para votar, nada me devem. Eu é que lhes devo a oportunidade de servir ao Brasil e à sua cultura, através das casas de estudantes, teatros de estudantes, orfeões, orquestras de estudantes, que não são apenas cariocas. Sempre foi meu devotado empenho contribuir para que as novas gerações brasileiras sejam viveiros de almas de eleição, mas nunca me moveu a idéia de que o fôssem para me elegerem a mim.

— Afinal você perdeu a eleição...

— Felizmente perdi. Devo a essa derrota a alegria de saber que no Rio, dois mil e tantos amigos me deram seu voto conscientemente, sem sofrer nenhum pacto emocional, apenas porque a sua amizade foi mais forte que o ensurdecimento do rádio, da televisão, do cinema, dos slogans, dos cartazes, dos comícios, dos altos falantes. Não solicitei votos, de terno novo, de táxi, contando à porta: desisti de os reclamar na televisão e desertei assustadoramente de qualquer comício. Poderia alguém deixar de agradecer esses dois mil eleitores, essas duas mil provas de amizade expontânea e anônima?

COMICIO É INSALUTAR

— Você falou em comício...

— Comício no Brasil, para quem viveu cêrca de quatorze anos na Inglaterra, é de um primarismo impressionante. Fui a um deles, meti-me na multidão que rugia cada vez que um de seus ídolos repontava e gesticulava mais alto que sua voz. Não eram ideias defendidas nem programas esboçados. Mas, toma de insultar os homens dos partidos adversários! Insultos, palavras pesadas, afirmações perigosas como aquela de que X havia recebido da Telefônica um milhão de cruzeiros para dar seu voto, na Câmara dos Vereadores, ao projeto nefando que combati, eu e mais dezessete. Pois bem, como é que êsse candidato a vereador afirmava tal crime, com que provas? Na Inglaterra, seria caso de justiça imediatamente. O acusador teria que provar com documentos e cartas. Aqui, pelo que vi nêsse e em outro comício, do partido adversário, o gosto é semeiar o ódio, agitar tudo, baseado no «disse-me-disse».

PORQUE COMBATEU GETÚLIO

— O falecido presidente Getúlio Vargas — continua Pascoal — sempre me dispensou as maiores atenções. Em 1938, depois da estréia do Teatro do Estudante com «Romeu e Julieta», confessei-lhe que precisava auxílio do govêrno para solver os compromissos assumidos. O presidente perguntou: «Quanto é que precisas?» Respondi: «Vinte e cinco mil cruzeiros». E êle: «Então vai lá fora e escreve um «memorandum» que entregaras ao Vergara pedindo o dôbro. Até que o papel chegue às minhas mãos, sofrerá tantos cortes que receberás o que precisas. Advinhou e tudo aconteceu como previra.

«Em tantos anos de govêrno, Getúlio só foi a uma «première»: a da estréia da minha peça «Pierrot», em 1931. Também sei que me encontrava em Londres, realizando um trabalho de propaganda do nosso país, quando, do Itamaraí, me transferiram para o Irã. Êle ia assinar o decreto quando parou: — «Como? Por que transferem êste môço para a Pérsia? Está realizando um trabalho útil ao país, em Londres». E não consentiu na transferência.

consertar as finanças, ganhando em dólares, na diplomacia

— **Por que o combateu mais tarde?**

— Isso aconteceu quando, vindo ao Brasil em 1944, como «correio diplomático», nas vésperas do meu retorno à Europa, fui de manhã cedo procurado por umas senhoras que me pediam para soltar seus filhos, enjaulados e maltratados na Polícia Central. Fui vê-los e verifiquei o vergonhoso comportamento dos nossos policiais. Essas quasi crianças sofriam vexames, humilhações, castigos corporais violentos. Corri ao Palácio do Catete. A todos fiz apêlos, já que não me era possível falar ao Presidente. Tudo em vão, ninguém me quiz ouvir, e minhas amizades eram da maior importância... Lembrei-me que conhecera em Londres o ministro Salgado Filho. Fui procurá-lo, expuz-lhe a situação, foi comigo à Polícia Central e libertou êsse punhado de moços. Minha indignação era imensa. Disposto a lutar contra essa cáfila e contra êsse bando inconsciente, entrava assim para a oposição, porque na minha opinião os que têm a minha idade podem ser esbofeteados que a vida já os vergastou tantas vêzes, que nada mais os alcança a não ser a revolta momentânea. Mas os que tem vinte anos merecem consideração e compreensão, para que não se crie uma geração de desajustados e revoltados. Já mestre Barrés disse que «desgraçado daquêle que aos vinte anos não fôr um anarquista». Há entre os jovens o espírito messiânico, cada um dêles se considera o salvador do seu país e do mundo. Porque não aproveitar êsse desejo de servir, conduzindo-os às estradas retas que os esperam? Por que agredí-los, joga-los em enxovias só porque seus ideais diferem dos de seus pais e seus avós? A mocidade merece respeito, já que, no seu fervor, quase sempre antecipa a palavra do amanhã.

E respirando:

— Êsses estudantes que ajudei a soltar, me atiraram na oposição, contra Getúlio. Mais tarde, vereador, coloquei-me entre os que combatiam o govêrno, a malta que lhe explorava o prestígio e a fôrça, mas nunca usei de palavras severas, incisivas, contra o Presidente, porque seria indigno da minha formação, do meu sentimento de gratidão a êsse homem que de Itú, ao saber do falecimento de minha mãe, me telegrafava com simpatia. Encontrando-me doente, atacado de uma alergia que não curei até hoje, depois de cinco anos de bombardeios em Londres, escrevi-lhe uma carta pedindo-lhe que me autorizasse a vir ao Brasil descansar uns dois meses. Mal a recebeu, providenciou a minha vinda como «correio diplomático», em menos de dez dias.

Pascoal interrompe-se para atender a nova telefonema e continua:

— Quando soube da morte de Getúlio, sofri o mesmo impacto do país inteiro. E lamentei que por pertencer a uma terra onde os ódios políticos rondam os homens até depois da sua morte, não me fôsse possível ir prestar-lhe a homenagem que merecia, acima de êrros e de diferenças individuais. Na manhã de seu enterramento, da nossa casa aqui em Santa Tereza podia ver a grande massa humana que lhe acompanhava os despojos, o longo da Avenida Beira-Mar rumo ao aeroporto e dizia comigo: Quando chegaremos a um grau de civilização que nos permita, num caso assim, copiar o exemplo da Itália, onde uma semana antes se enterrara o grande De Gasperi! E onde os partidos que mais o combateram, a ferro e fogo, o Socialista e o Comunista, lhe seguiram o caixão, à igreja e ao cemitério, com todos os seus representantes confraternisados na dôr!

— Mas por que não compareceu aos funerais?

Pascoal passa as mãos pelos cabelos despenteados, estende o olhar pela janela:

— Na tarde do falecimento, sofri a maior humilhação da minha vida, a que definitivamente me afastou da política. Nunca fiz mal a ninguém, esta nossa casa vive de portas abertas dia e noite. Não se tem fortuna, mas há sempre na mêsa lugar para os que nos batem à porta. Ando por êste morro de Santa Tereza, desde menino, só, a qualquer hora, sem capangas nem guardas, certo de que ando comigo mesmo, de bolso sempre magro, mas sem revólver, respeitado pelo pouco que sou. Durante a sessão da Câmara dos Vereadores, naquêle dia, quando todos os partidos tributavam homenagem ao Presidente desaparecido, era justo que a UDN também falasse. Mas recebemos um recado de que certo vereador petebista ameaçava perturbar a sessão caso um da nossa bancada, nobremente, falasse. A fim de impedir o tumulto inevitável, a UDN, ao contrário do que se deu na Câmara Federal e no Senado, silenciou. Em tôrno da Câmara, a multidão ululava. Havia queimado os cartazes udenistas e insultava seus líderes. (Dias antes, encontrava-me na Europa — a multidão agira de maneira diferente, quando o major Vaz foi assassinado). Ia sair. E soube que meus colegas de chapa haviam se retirado em carro oficial, devidamente protegido. Eu devia aceitar o carro que o presidente Levy Neves me oferecia, devidamente escoltado pela polícia. Relutantemente, senteime nêsse carro, cercado de policiais como um criminoso e o vi rodar até nossa casa.

Depois de uma breve pausa:

— Foi essa a maior humilhação da minha vida.

UNIÃO NACIONAL, REFRÃO LÍRICO

Conduzimos o assunto para outros aspectos e consultamos Pascoal sôbre o problema da sucessão presidencial. Como aprecia a candidatura do governador mineiro?

— Não entendo a oposição que lhe estão movendo — responde. Essa história de união nacional tem muito de refrão lírico, romântico, de país não preparado ainda para ser uma democracia autêntica. O sr. Juscelino Kubitschek tem o direito que lhe concede a Constituição de ser candidato. Os que o combatem, devem apresentar outro capaz de, por fôrça da opinião livre, da eleição livre, vencê-lo.

SAI COM DÍVIDAS E NÃO DEU EMPREGOS

— Agora digo adeus definitivamente à política. Foram quatro anos difíceis, cercado de gente carregada de ódios, antagonismos, cóleras, com a boca sempre cheia de palavras más, ruminando pequeninas vinganças, ataques e perseguições. Foram quatro anos difíceis — quatro anos sem Cristo.

— **E quanto a lucro material?**

— Lucro material... Engraçado! Sai de tudo isso crivado de dívidas, mas não tem a menor importância. Quanto a acomodar protegidos, empreguei uma pobre mulher, cujo nome não me lembro, e que me foi procurar, chorando. Queria trabalhar como servidor de estado e conseguiu um lugar de mil e novecentos cruzeiros mensais. Empreguei dois interinos de três mil e poucos cruzeiros, pois os prefeitos João Carlos Vital e, depois, Dulcídio Cardoso, haviam colocado à disposição dos vereadores, cada qual, um lugar modesto. De fato, o prefeito Vital ofereceu a cada bancada, três lugares interinos de professores e creio que de trabalhadores. Coube-me a sorte indicar um professor interino, que vai agora fazer concurso...

UM POLÍTICO DECIDIDAMENTE ERRADO

Pascoal Carlos Magno embarcará dia 27 de março para dirigir o Consulado Brasileiro em Milão.

— Se tivesse sido eleito, poderia continuar no Brasil e só por isso valeria a pena ser eleito. Mas na minha função de diplomata, penso que poderei ser útil ao meu país.

— Satisfeito, apesar de tudo?

— Bem, penso que escolhi o caminho errado, a Diplomacia. Embora sirva a minha terra em terra alheia, com o melhor de mim mesmo, não sou dos que amam viver longos períodos no estrangeiro. Preocupo-me com o destino do Teatro do Estudante (do Rio e dos Estados), o Hospital do Estudante, as colonias de férias para moços pelas quais tanto me empenho e que poderiam ser uma realidade ainda êste ano. Mas como sei que ninguém é insubstituível, tenho certeza que todos esses órgãos por onde respira a nossa mocidade, continuarão vivendo e serão cada vez mais poderosos no seu destino, sem precisar de mim.

Vamos retirar-nos. A casa de Pascoal é, como todos sabem, onde está instalado o Teatro Duse. Queremos ainda saber que destino aguarda a êsse teatro:

— Considero que já não me pertence — concui o político errado que se restitui à diplomacia. Sua significação cresce com o tempo e o valor da obra que realisa é de sentido coletivo, muito para além das órbitas pessoais. Minhas irmãs Orlanda e Rosa, auxiliadas por um punhado de amigos devotados, o manterão. Para êle, do meu subsídio de vereador, contribui nêstes últimos quatro anos, com cêrca de trezentos mil cruzeiros. Agora, quando estiver no estrangeiro, ganhando em dólares, poderei ajudar melhor, se o Teatro Duse necesitar.



Pascoal lê as suas respostas antes de serem entregues ao repórtes



Como sempre foi tudo azul no Bola Preta onde o Carnaval é mais







● *O famoso Bola Preta repetiu êste ano o mesmo sucesso de sempre em seus alucinantes bailes carnavalescos. Ali vale tudo em matéria de folia, ninguém pode ficar desanimado nem fazer cerimônias para sambar. Os adeptos de Momo só encontram uma exigência no Bola Preta: muita animação e sambar a noite inteira, que todos cumprem com entusiasmo às vêzes exagerado. Os "melhores" flagrantes o fotógrafo fingiu que não viu...* (Fotos de N. Viana).

NO BOLA PRETA

livre valendo certas violências provocadas pelo calor do samba













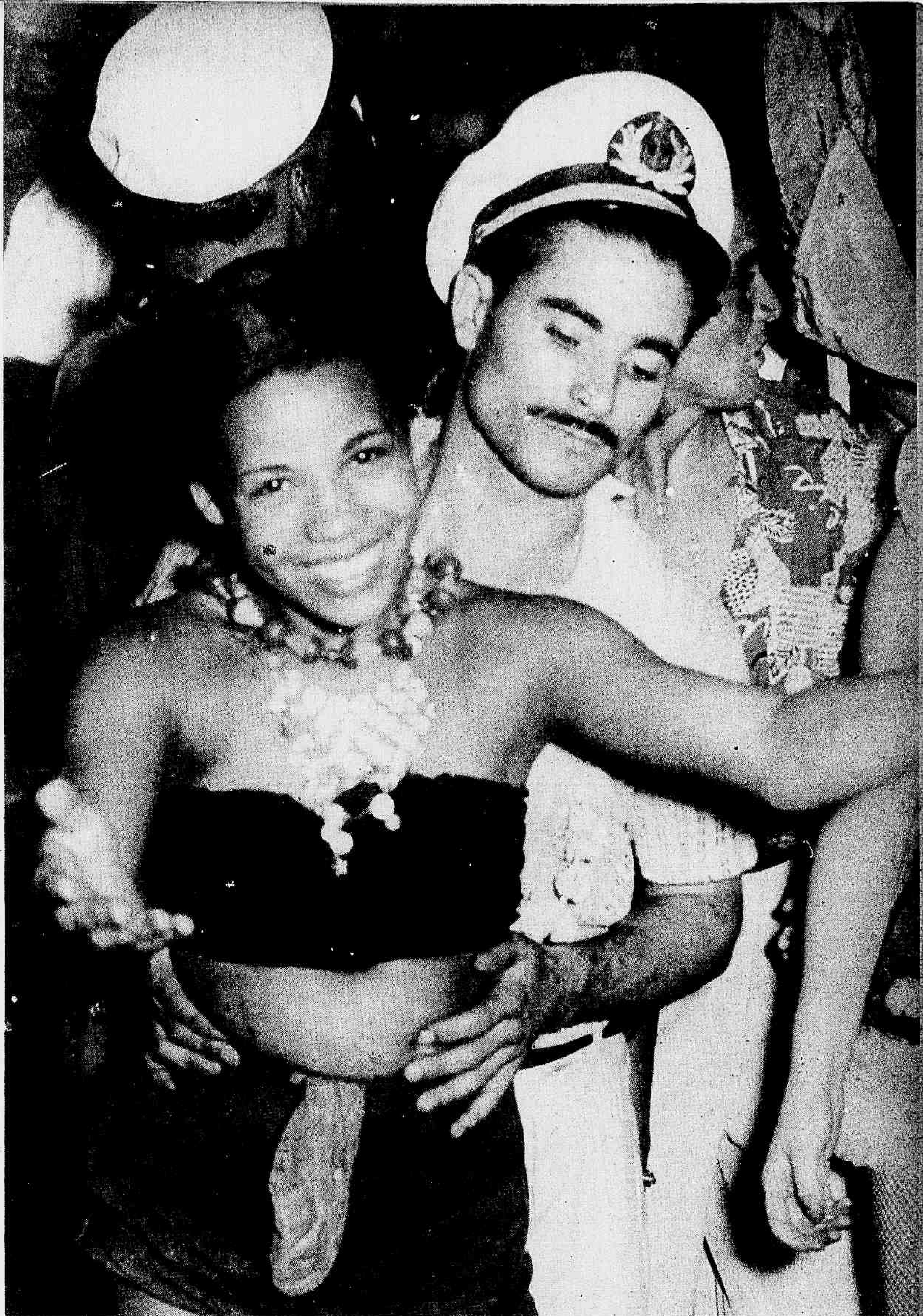
EMBAIXADA DO SOSSÊGO

Com uma rainha alegre, usando o cetro em ritmo de batucada,



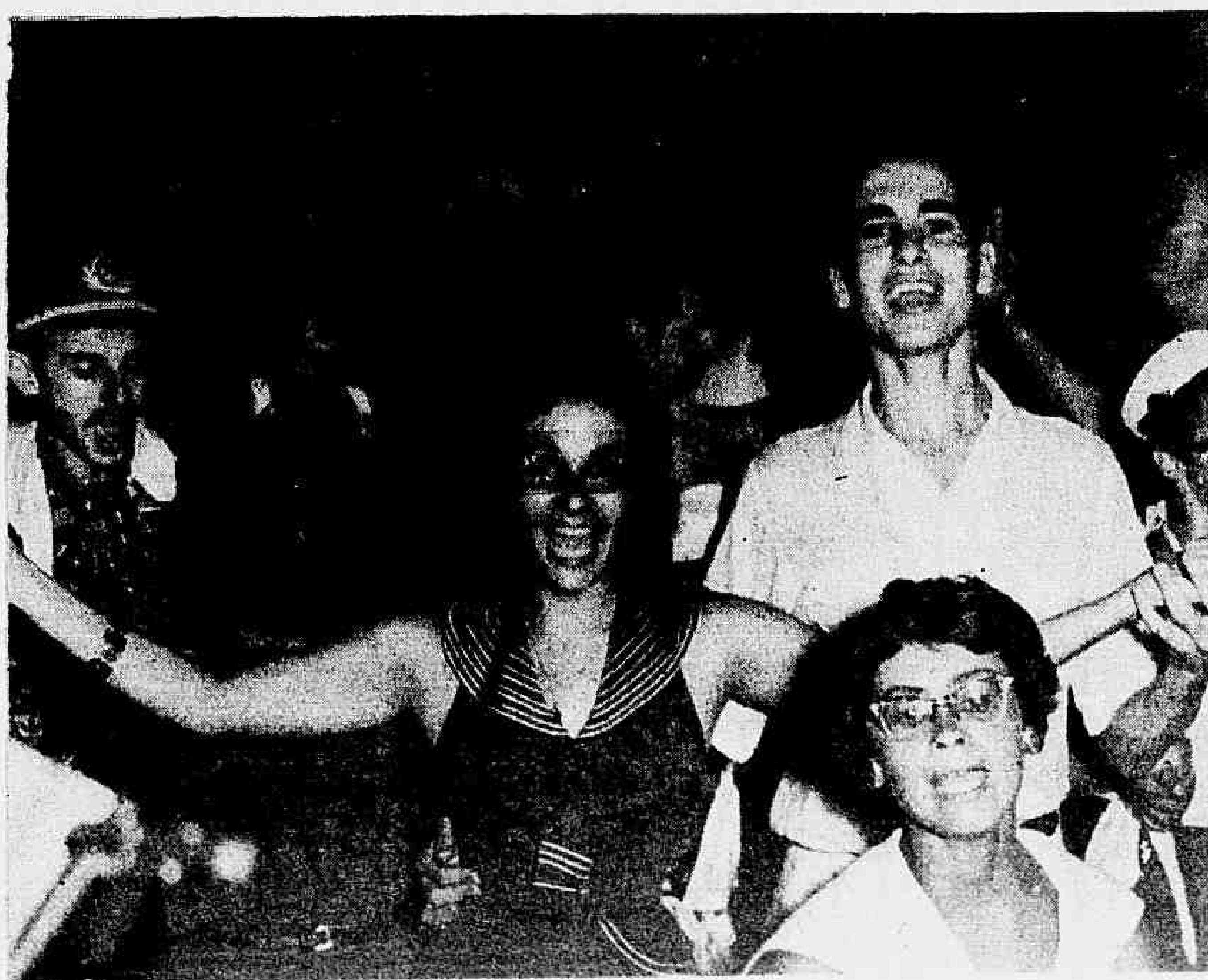






● *É justamente onde não há sossêgo e todo mundo se agita da maneira mais ruidosa possível. O apogeu das festas carnavalescas na tal embaixada não é apenas nos quatro dias de Carnaval, porque durante os trinta dias que antecedem os folguedos os "embaixadores" entregam-se de corpo e alma à folia. Elegem uma rainha para as suas festas, porque acham que Rei Momo sòzinho não dá conta do recado. Êste ano a soberana do Sossêgo foi a jovem Arremak, cem por cento foliona e que soube muito bem corresponder à confiança dos seus súditos.* (Fotos N. Viana).

ninguém pôde deixar de se entregar à folia de corpo e alma





POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



SUÍÇO e famoso no mundo inteiro



RADO o relógio de confiança.

17 RUBIS e fundo de aço inoxidável.

Leiam A CENA MUDA

. NOVA
. MODERNA
. DIFERENTE
. COLORIDA

EM TÔDAS AS BANCAS

COMO APRENDER A DANÇAR



6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

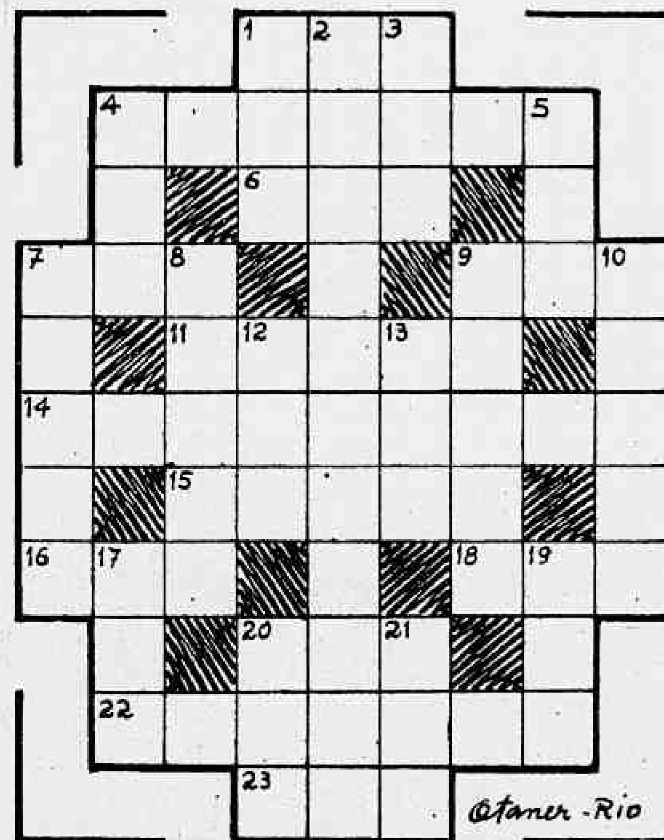
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 57

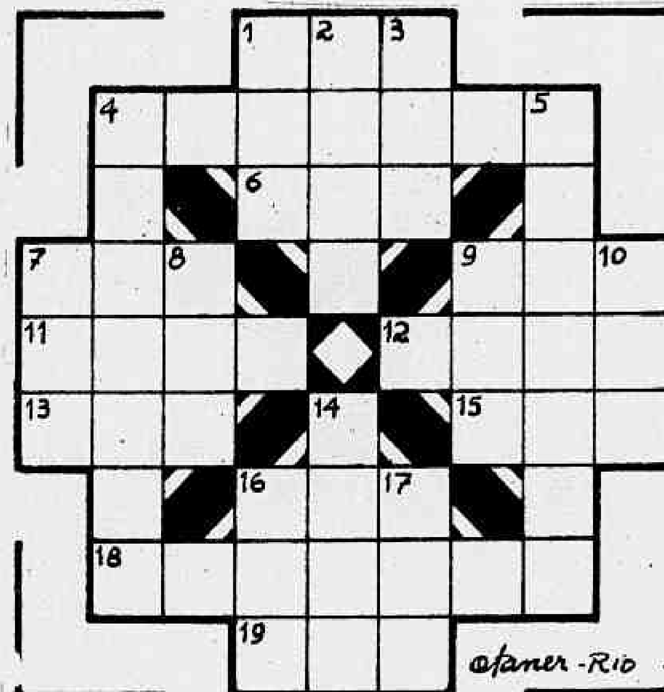
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 4. Manivelas de realejo — 6. Rei de Judá — 7. Nome de homem — 9. Indígena de uma tribo pernambucana — 11. Pastos de gado entre montes e colinas — 14. Grato — 15. Ramo de atividade — 16. Jaculatória da liturgia da macumba — 18. Aia — 20. Ablução de uso entre os turcos — 22. Artístico — 23. Epíteto que os chineses acrescentam ao nome de deuses principais.

VERTICAIS: — 1. Resguardo lateral de ponte — 2. Região situada entre dois rios — 3. Palavra tupi-guarani que significa pedra, metal, etc. — 4. Comandante turco ou persa — 5. Modo — 7. Mortificai — 8. Mulher de Xangô — 9. Exercera — 10. Vai-se embora — 12. A si — 13. Herdade — 17. Opinião desfavorável — 19. Causa, motivo — 20. Cidade da França, no departamento de Vaucluse — 21. Agreguei.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Oceano — 4. Uma das cinco partes do mundo — 6. Lírio — 7. Contração, plural — 9. Preposição indicativa de companhia — 11. Metade — 12. De custo elevado — 13. Vazia — 15. A casa — 16. Contudo, porém — 18. Cheio de raiva — 19. Seguias.

VERTICAIS: — 1. Um dos produtos da abelha — 2. Cantiga — 3. Achas graça — 4. Ficar doente — 5. Venerado — 7. Senhor — 8. Fecha as asas para descer mais depressa — 9. Óxido de cálcio — 10. Forma sincopada de maior — 14. Concedia — 16. Mil e dois romanos — 17. Pedido de socorro.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 56

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: apá — amt — sabedoria — adar — egro — assíduo — teste — matar — perenes — suna — tias — anteferiu — ido — oas.

VERTICAIS: — Asa — pada — abastamento — argueireiro — — miro — Tao — erse — Oedt — isate — araé — ante — pund — saia — saí — sus.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ira — pré — auna — além — madrilena — só — rato — rs — mó — tias — rã — tangerina — ilha — ôcas — loa — ola.

VERTICAIS: iam — ruas — andorinha — pletórico — Reno — ema — ar — alam — ir — saga — talo — Sé — anal — til — ro — asa.

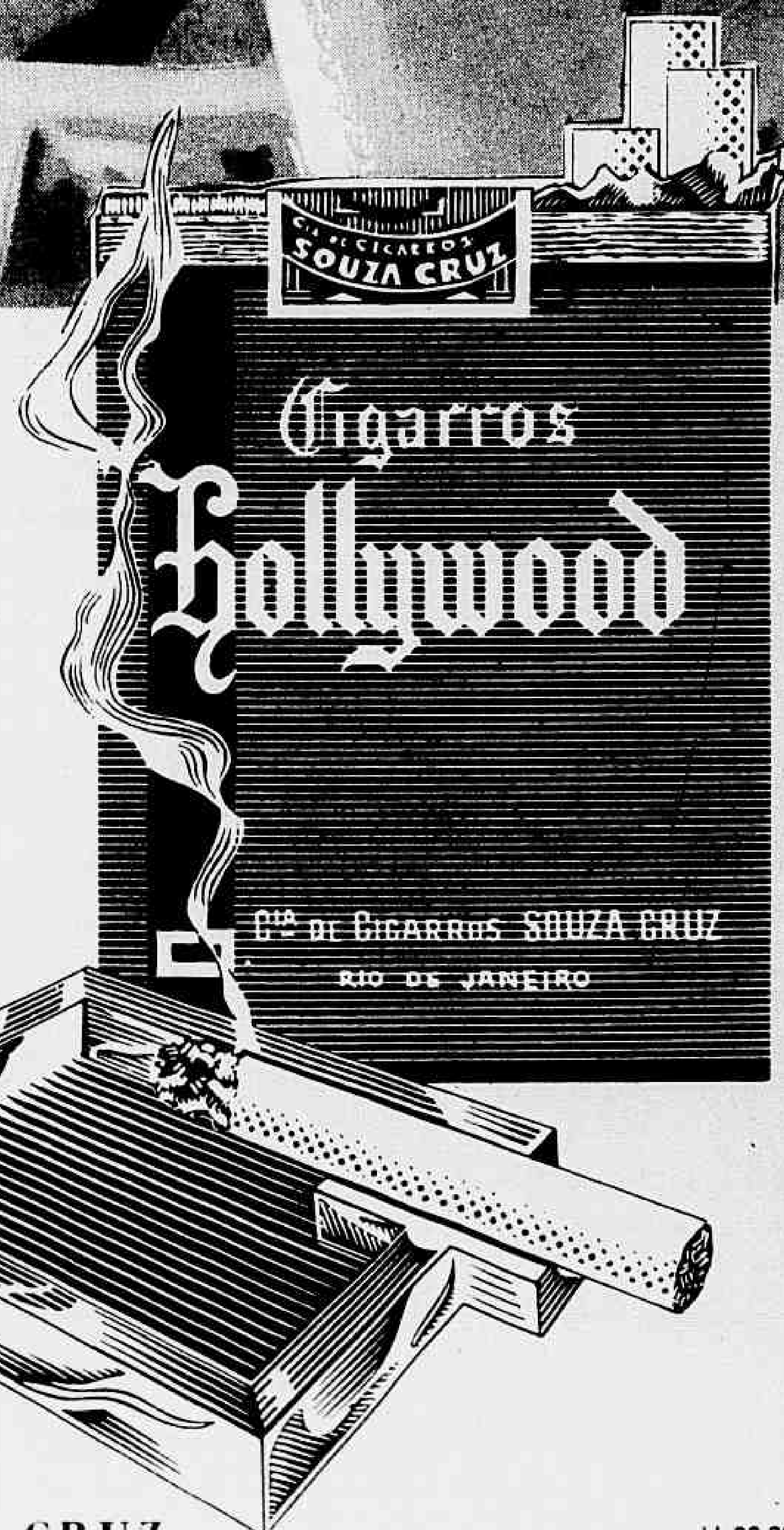


— *Tem razão...*
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

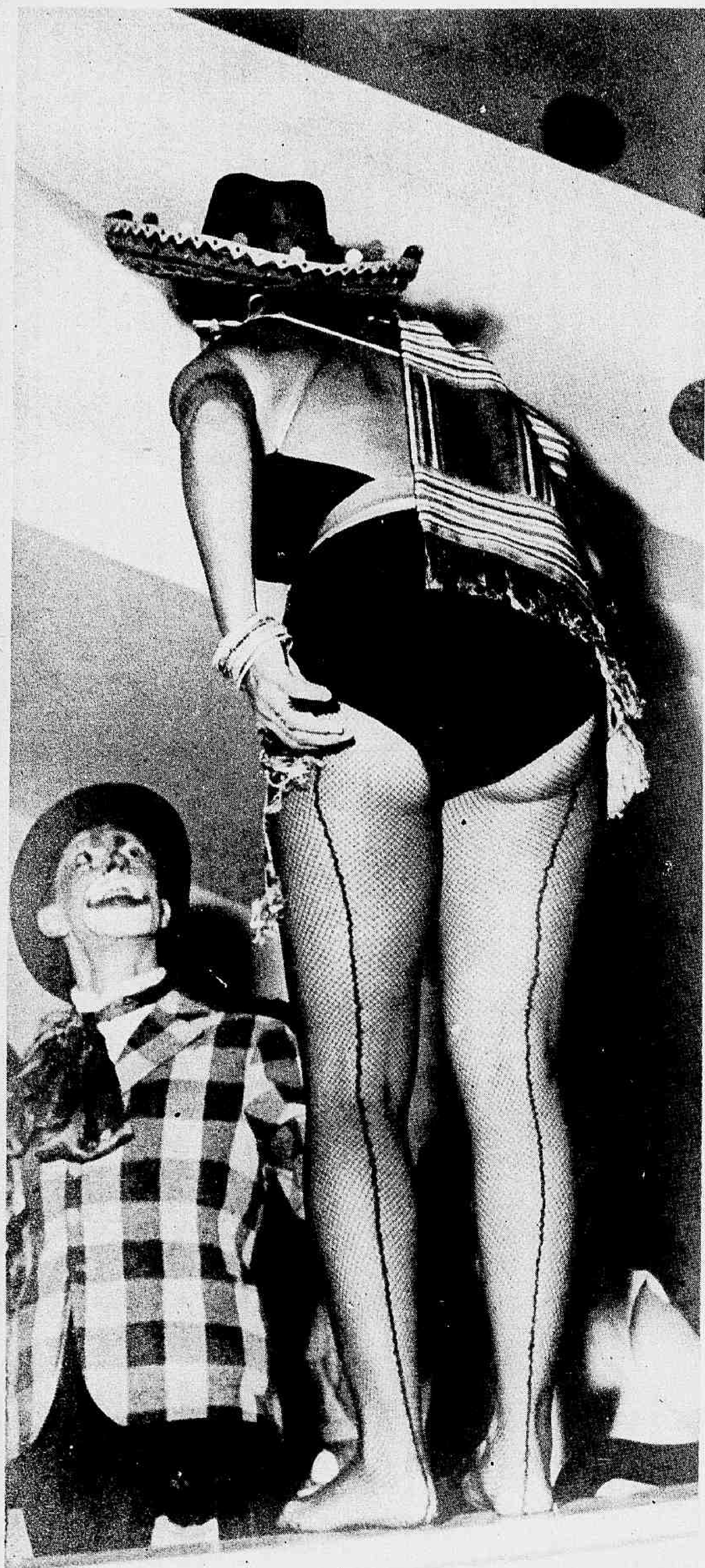
hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287





MUITA ALEGRIA



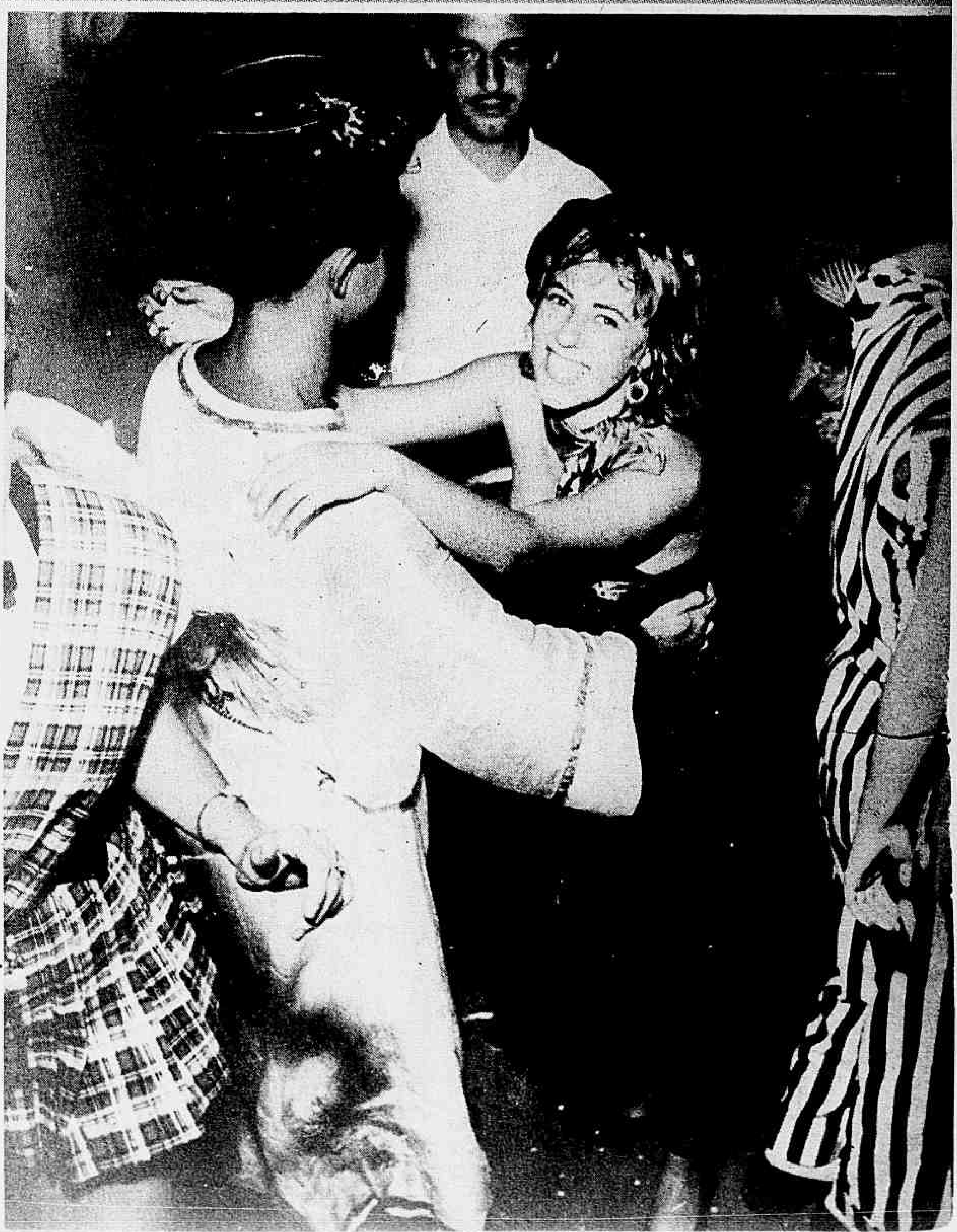
NÃO é só no Rio que o Carnaval é alegre e animado. Momo também sobe a serra com muitos dos seus súditos levando a folia ao Hotel Quitandinha, onde muita gente boa cai no samba, muitos alegando depois que fugiram do Carnaval e fôram descansar em Petrópolis. Mas lá mesmo, nos salões do famoso hotel, a farra é grossa, nada ficando a dever aos maiores bailes carnavalescos cariocas. Pouco a pouco, Rei Momo vai ampliando o seu reinado, dilatando os seus domínios para além das fronteiras do Distrito Federal onde tem instalada a sua côrte de orgia. Em clima ameno, com temperatura mais baixa, o calor da festa pode ser mais alto, entusiasmando foliões de todos os tipos. (Fotos de A. VIEIRA).



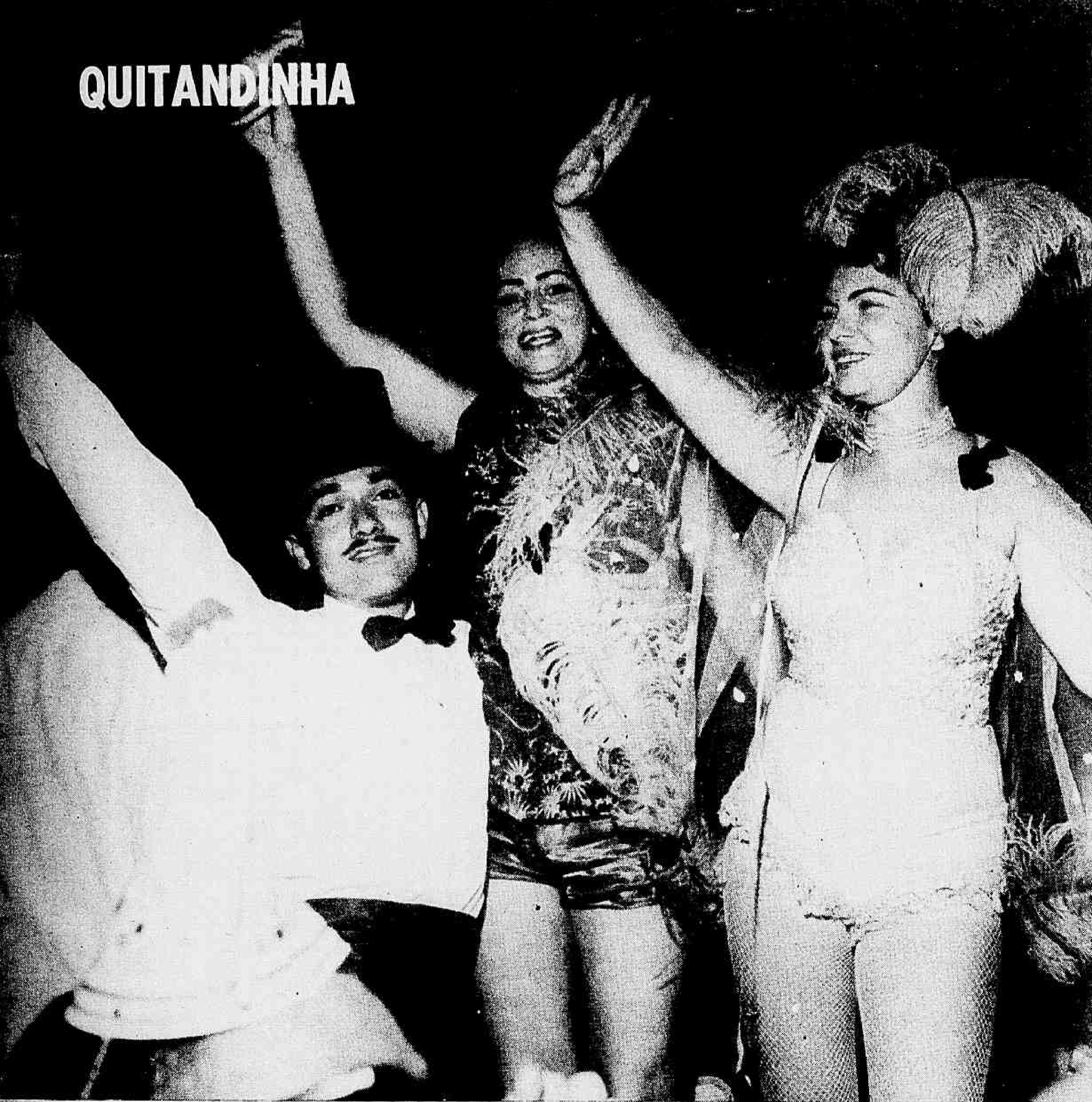


NO CARNAVAL DE QUITANDINHA





QUITANDINHA



O CLIMA DE QUITANDINHA NO CARNAVAL VAI ALÉM DE QUARENTA GRAUS COM O CALOR DE TANTA ANIMAÇÃO.



Gente animada, belas e







e feras, caiu no samba e o termômetro subiu em Quitandinha, onde a farra foi grossa











CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY CLUB

OS bailes foram êste ano o ponto alto do carnaval carioca. Os salões encheram-se de foliões que cantavam e dançavam ao som de alegres canções executadas por magníficos conjuntos musicais. Os bailes infantis estiveram também animadíssimos, sendo de justiça destacar o que foi promovido pelo Jockey Club para os filhos de seus associados. A gurizada compareceu com vistosas fantasias e brincou a valer, num ambiente de contagiante alegria. As fotos destas páginas dão bem uma idéia do êxito alcançado pelo baile infantil da prestigiosa organização turfista brasileira.





NOS FLAGRANTES COLHIDOS PELA OBJETIVA DO NOSSO REPÓRTER, INTERESSANTES ASPECTOS DO BAILE INFANTIL DO JOCKEY CLUB.





BAILE DO COPACABANA

HÁ os bailes que podem ser demominados domésticos, das entidades particulares, para os sócios mensalistas com direito a uma compensação vez por ano, e os bailes de primeira plana. O do Copacabana figura entre os últimos, incluindo obrigatòriamente na agenda dos foliões turistas. Tem lugar logo na primeira noite, sábado gordo, assistido pelas figuras de relêvo que, do estrangeiro, nos visitam para ver como é êsse falado Carnaval carioca. Êste ano, deu o Copacabana uma vez mais o seu tributo para realce maior das festividades momescas e os seus salões abarrotaram de gente que se fantasia (algumas fantasias de grande luxo e bom gôsto) ou daqueles que metem a cara de qualquer jeito e com qualquer roupa.

Se é verdade que o reinado de Momo anda em fase de decadência, ela passa por largo em relação ao Copa e aos outros grandes centros de diversões. Na rua, o índice faz crer na agonia da "festa popular por excelência"; nos salões, de ano para ano melhora, provando assim que não há decadência, mas apenas uma transição da festa pagã. (Fotos de A. FERREIRA).

"A ÁGUA LAVA, LAVA, LAVA TUDO... A ÁGUA









SÓ NÃO LAVA A LÍNGUA DESSA GENTE..."







BAILE DO COPACABANA











O SAMBA DE GRAVATA PRETA E CHAMPANHOTA DO COPACABANA-PALACE É O MESMO QUE DESCE DO MORRO E NÃO PERDE O RITMO CONTAGIANTE



BAILE DO COPACABANA





MUITA BELEZA, LUXO E ORIGINAL



BELEZA e originalidade foram as características predominantes no tradicional Baile do Copacabana-Palace, que foi muito animado e repleto de fantasias luxuosas. Numa confraternização só vista no Carnaval misturaram-se na mesma alegria anjos, demônios, tigres, palhaços, feiticeiros, baianas e outros tipos de fantasias de muito bom gôsto.





...ALIDADE PREDOMINARAM NO BAILE DO COPACABANA-PALACE





FÁTIMA - Revelação dos Três Pastôres

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdi:ada no todo, ou em parte.

Por MÁRIO SALGUEIRO **Desenho de RAMÓN**

CAPÍTULO VIII

O autor dêste artigo foi o dr. Domingos Pinto Coelho, católico de grande conceito. Mais tarde explicou que o escreveu, visando interpretar o pensamento oficioso dos católicos relativamente ao que se passara a 13 de outubro na Cova da Iria. Assim o fazia porque temia que todos os milagres que se propagavam não passassem de ilusão. Foi muito criticado, pelos leitores e por pessoas que, como êle, estiveram presentes na Cova da Iria e não concordavam com as suas opiniões. Se analisarmos a época, quando os inimigos da Igreja estavam sempre prontos a criticá-la, vemos que esta atitude do dr. Domingos Coelho, foi das mais razoáveis. Esta reação dos que tinham opiniões contrárias às suas, obrigou-o a publicar um novo artigo de fundo, no qual explicava as razões da sua atitude anterior. Mais uma vez aconselhava reserva em se tratar de um assunto tão delicado, dêste modo seria possível evitar o ridículo que por certo surgiria, se de fato não fôsse possível comprovar como milagres os fatos de certo modo extraordinários que vinham acontecendo na Cova da Iria. Seria melhor ouvir primeiro a palavra oficial da Igreja, antes de qualquer conclusão precipitada.

No dia 17 de outubro, o dr. Pinto Coelho voltava ao jornal, dando explicações sôbre o seu primeiro artigo, que havia sido mal interpretado e que causou mesmo a revolta de várias pessoas contra a precaução e serenidade com que êle aconselhava fôssem examinados os fatos que vinham ocorrendo em Fátima. Assim escreveu:

«Várias pessoas têm tirado do que ontem escrevemos a impressão de que negamos haja milagre em Fátima.

Nada mais inexato.

Não afirmamos, mas também não negamos e até nos declaramos em espectativa benévola.

E já agora seja-nos lícito acrescentar o seguinte com o fim de precisar idéias.

Dissemos já como a Igreja católica é, capaz de admitir a possibilidade do milagre sendo até insuficiente dizer «possibilidade», pois realmente se trata de necessidade. A doutrina da Igreja supõe como necessário, e até como dogmático, o milagre.

Milagre é a Imaculada Conceição da Virgem Santíssima. Milagre a Incarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo; milagre a Virgindade de Sua Mãe: está a vida de Jesus tecida de milagres; milagre foi a sua Ressurreição e dos processos de beatificação e canonização de cada Santo faz parte essencialmente a verificação prévia de milagres operados por sua intervenção.

Se os milagres foram mais frequentes no berço do Cristianismo disso nos dá S. Gregório Magno a explicação na seguinte formosa metáfora: «Deus procedeu como um jardineiro que mais a miúdo rega as plantas enquanto são pequeninas...»

Se hoje o milagre é mais raro, nem por isso deixa de produzir-se Cheias de milagres foram por exemplo as vidas de Dom Bosco, fundador dos Salesianos e do Santo cura d'Ars.

A história de Lourdes é também uma série de milagres verificados com o maior rigor.

Larevellière — Pépeaux, membro do Diretório, imaginara uma religião nova a que chamou Teofilantropia, mas queixou-se a Talleyrand de não conseguir adeptos. Ao que Talleyrand retorquiu:

— «Não estranho o vosso insucesso. Quereis conquistar fiéis? Fazei milagres. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, deixai-vos crucificar e ressucitai ao terceiro dia!».

Se porém o milagre é, na doutrina da Igreja, não só possível, mas necessário e elemento da sua difusão, nada disto obsta ao seu caráter excepcional.

Diz Santo Agostinho: «nunca se deve proclamar um milagre quando é possível uma explicação natural».

Esta regra é escrupulosamente observada sempre pela Igreja, mestra da Verdade.

Ora, que dissemos nós acêrca do caso de Fátima? Que nós, obscuro autor destas linhas, não tínhamos observado fato algum que nos levasse a supor o sobrenatural. Mas não só se trata dum modo de vêr pessoal e desautorisado, senão que, por forma alguma, queremos contestar as observações que outras pessoas tenham feito, diversas das nossas.

Nada desejaríamos mais do que presenciar fatos a que nenhuma explicação natural se ajustasse.

Grande foi o desapontamento, quando no domingo, como dissemos, verificamos a inanidade do que na véspera nos parecera maravilhoso; tanto mais quanto grandemente nos impressionara a coincidência de ter a chuva, de três horas consecutivas, cessado quase precisamente à hora em que as crianças oravam, aparecendo então o sol entre as nuvens. Simplesmente é necessário, em assunto de tanta monta, não ceder ao «quod volumus facile credimus».

Terminemos pois como ontem: convem substituir o entusiasmo prematuro a mais prudente reserva. Se em Fátima alguma coisa há de sobrenatural, não será essa reserva que impedirá a marcha dos acontecimentos que Deus tenha determinado em sua infinita sabedoria.

Pelo contrário, o fiasco após exaltações inconsideradas não deixaria de ser explorado pelos inimigos da Igreja que os tem sempre, numerosos, ativíssimos e constantemente à espreita das oportunidades propícias aos seus ataques. — A. de F.»

OS PASTORINHOS MAIS UMA VEZ SÃO INTERROGADOS

Apesar das mais diversas reações, como já vimos através da imprensa, terem causado os fenômenos ocorridos a 13 de outubro na Cova da Iria, cada vêz mais se espalhava a notícia do aparecimento mais uma vêz da Senhora aos pastorinhos de Aljustrel. Todos queriam interrogar as crianças e ouvir delas o que a Virgem lhes disera. Novamente foram elas assediadas por um sem número de perguntas; registraremos sòmente alguns dos interrogatórios.

O primeiro interrogatório teve lugar na casa de Jacinta e Francisco no dia 13 às 7 horas da noite. O Cônego dr. Nunes Formigão fêz as seguintes perguntas a Lúcia.

— Nossa Senhora tornou a aparecer hoje na Cova da Iria?

— Tornou.

— Estava vestida como das outras vêzes?

— Estava vestida do mesmo modo.

— Apareceram também S. José e o Menino Jesus?

— Apareceram.

— Apareceu mais alguém?

— Apareceu também Nosso Senhor abençoando o povo e a Senhora de dois naipes.

— Que queres dizer com isso? A Senhora de dois naipes?

— Apareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dores, mas sem espadas no peito, e a Senhora vestida, não sei bem como, mas parece-me que era a Senhora do Carmo.

— Vieram todos ao mesmo tempo, não é verdade?

— Não; primeiro vi a Senhora do Rosário, S. José e o Menino, depois vi só Nosso Senhor, depois a Senhora das Dores e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.

— O Menino Jesus estava em pé ou ao colo de S. José?

— Estava no colo de S. José.

— O Menino era crescido?

— Era pequenino.

— Que idade parecia ter?

— Era para ai de um ano.

— Porque disseste que a Senhora, de uma das vêzes, te pareceu estar vestida como a Senhora do Carmo?

— Porque tinha umas coisas penduradas na mão;

— Apareceram por cima da carrasqueira?

— Não; apareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora ao pé da carrasqueira.

— Nosso Senhor estava em pé?

— Só o vi da cintura para cima.

— Quanto tempo durou a aparição na carrasqueira? O suficiente para se poder rezar o têrço?

— Não chegava, parece-me.

— E, no sol, as figuras que viste demoraram-se muito tempo?

— Pouco tempo.

— A Senhora disse-te quem era?

— Disse que era a Senhora do Rosário.

— Perguntaste-lhe o que queria?

— Perguntei.

— E que disse ela?

— Disse que nos emendássemos, que não ofendéssemos Nosso Senhor que estava muito ofendido, que rezássemos o têrço e pedíssemos perdão dos nossos pecados, que a guerra acabaria hoje e que esperássemos os nossos soldados muito brevemente.



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● A revelação de Lúcia sôbre a aparição e os milagres de 13 de outubro foram plenamente confirmados por milhares de pessoas que assistiram aos fenômenos da Cova da Iria. O fato repercutiu em tôda a imprensa, inclusive nos órgãos da maçonaria, que não deixaram de comentar as ocorrências. Houve muitas controvércias sôbre os estranhos fatos, concluindo os mais autorizados comentadores da imprensa que se devia aguardar a palavra esclarecedora da Igreja.

— Disse mais alguma coisa?
— Disse também que queria que lhe fizessem uma capela na Cova da Iria.
— Com que dinheiro se há de edificar a capela?
— Julgo que será com o que lá se juntar.
— Disse alguma coisa a respeito dos nossos soldados mortos na guerra?
— Não falou nêles.
— Disse-te que avisasses o povo, para que olhasse para o sol?
— Não disse.
— Disse que queria que o povo fizesse penitência?
— Disse.
— Empregou a palavra penitência?
— Não. Disse que rezássemos o têrço e nos emendássemos dos nossos pecados e pedíssemos perdão a Nosso Senhor, mas não falou em penitência.
— Quando foi que começou o sinal do sol? Foi depois que a Senhora desapareceu?
— Foi
— Viste vir a Senhora?
— Vi.
— Donde vinha ela?
— Do nascente.
— E das outras vêzes?
— Das mais vêzes não olhei.
— Viste-a ir embora?
— Vi.
— Para onde?
— Para o nascente.
— Como desapareceu?
— Pouco a pouco.
— Que é que desapareceu primeiro?
— Foi a cabeça. Depois, o corpo. A última coisa que vi foram os pés.
— Quando se foi embora, ia recuando ou voltou as costas ao povo?
— Ia com as costas voltadas para o povo.
— Levou muito tempo a desaparecer?

(Continua no próximo número)

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

VARIEDADES

● **DURMA SÒZINHO!**

Descobriram os médicos norte-americanos que uma das causas da insônia em casais é o fato de dormirem no mesmo leito. Normalmente, segundo ficou apurado, cada um se move uma média de 35 vêzes por noite. Ora, o sossêgo é um dos primeiros fatôres para se ter um bom sono.

Se mesmo dormindo sòzinho você ainda tiver insônia, então aqui vão alguns bons conselhos:

— cesse qualquer atividade meia hora antes de ir para a cama.

— coma pouco no jantar, e sòmente comidas leves.

— se gosta de ler na cama, escolha um livro que não impressione. Demais, um livro calmo, alegre.

Dizem os cientistas norte-americanos que a razão porque as mulheres sofrem menos de insônia do que os homens é a meia hora — inteiramente repousante — que passam diante do espelho a limpar o rosto e passar cosméticos.

● **AS ESTUDANTES DE OXFORD**

Na universidade inglêsa de Oxford tudo é ainda medieval... a única modificação nos tempos modernos é a admissão de moças estudantes. Porém os dirigentes da Universidade tudo fazem para que não sejam elas demasiadamente modernas: proibiram que usem calças compridas de lã por sob a toga, e a calçar meias de nylon, consideradas indecentes pelos austeros professores da universidade. Passam os anos, passam os séculos e Oxford continua tão medieval quando no tempo de sua fundação.

● **A ATRIZ «VERMELHA»**

Como vocês já ouviram falar, existe nos Estados Unidos uma «comissão investigadora de atividades anti-americanas», que investiga o passado de qualquer figura de alguma projeção, para saber se, em alguma época, haja pertencido ao partido comunista, seja a 20, 30 ou mais anos atrás.

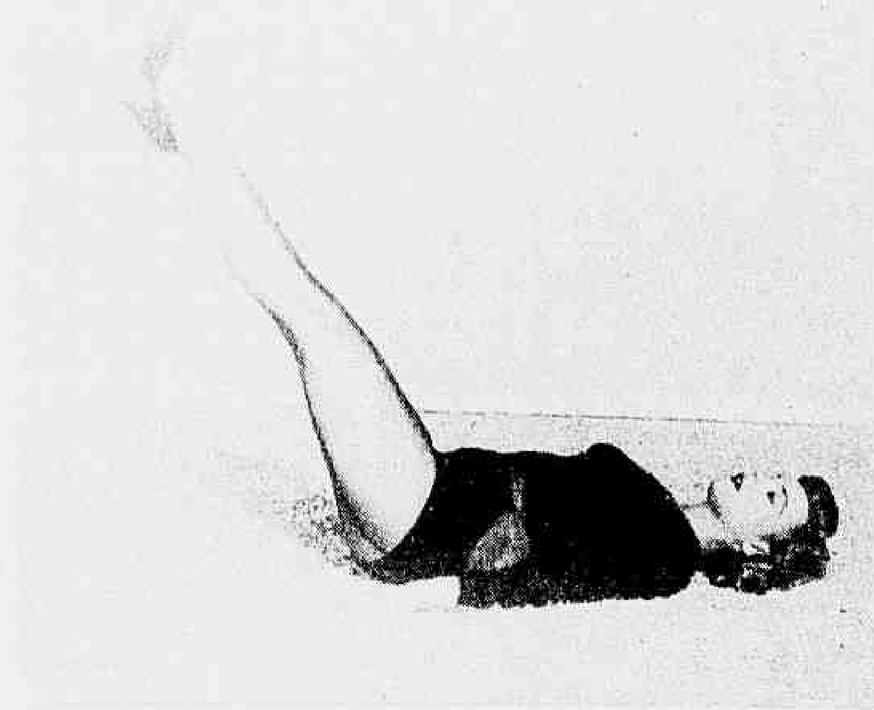
Pois bem, a dita comissão acusou a atriz Lucille Ball de ter pertencido, em 1936, ao partido comunista — o que é uma acusação muito séria. — Pois significa dificuldade em encontrar trabalho a assinar novos contratos.

O marido de Lucille, porém, declarou, espirituosamente:

— Êles estão enganados. Conheço Lucille. O único «vermelho» de minha mulher são os cabelos e, assim mesmo, não são vermelhos naturais, mas pintados.



1 — Antes mesmo de se levantar, ainda no leito, comece com êsses exercícios: levante uma perna depois da outra, sem dobrar os joelhos, mais devagar melhor.



2 — Pode continuar deitada. Agora, porém, levante as duas pernas juntas, vagarosamente. Conte até 10 e abaixe-as também «devagar».



3 — Sente-se no tapête. Procure atingir a ponta dos pés com os dedos da mão, o esquerdo com a direita, e vice-versa, alternadamente. Além dos músculos da barriga, fortalece os da perna.



4 — Êsse é para as corajosas! Segurando os pés com as mãos, e com o estômago no chão, imprima ao corpo movimento de balanço.



5 — Agora de pé. Excelente exercício para as pernas e os músculos da barriga. Faça uma vez com cada perna, puxando-a bem para cima com as mãos.

UM POUCO DE BELEZA:

GINÁSTICA PARA A BARRIGA

● Eis uma seleção de alguns dos melhores exercícios para a barriga que se conhecem. Se o seu caso é êsse, se quer diminuir uma barriga pouco estética, comece a fazê-los imediatamente, seguindo a demonstração da Dolores Dorn — graciosa estrêla da Warner, estamos certos de que os resultados serão magníficos.

NOTINHAS ÚTEIS

POLTRONAS DE COURO — Para que fiquem como novas, esfregue-as com uma clara de ôvo bem batida. Depois dê polimentos com um pano limpo, para tirar o excesso de clara.

....

ROUPAS IMPRESTÁVEIS — É um mau hábito ter o guarda-roupa repleto de vestidos e costumes velhos que não se usam mais. Ponha-os num malão ou num armário à parte, dobradas, para posterior aproveitamento, ou dê-as a alguém. Sua roupa em uso se conservará melhor num armário arrumado e mais vazio.

....

MANCHAS DE SÊDA — As manchas provocadas por frutas, em tecidos de sêda natural, podem ser retiradas com um pouco de amoníaco, dissolvido em água. Depois lave a peça com água pura.

....

MANCHAS DE SUOR — Muitas vêzes, principalmente no verão, as roupas ficam manchadas pelo suor. Antes de lavá-las, é conveniente retirar a mancha com uma mistura de amoníaco e sal de cozinha.

....

PARA LIMPAR CINZEIROS — Retirando completamente as manchas deixadas pela nicotina, esfrega-se com umo rolha passada em sal comum.

....

OBJETOS DE COBRE — Principalmente aquêles em relêvo ou cinzelados ficarão limpinhos se nêles se passar meia cebola crua. Depois se esfrega com uma escovinha enxuta.

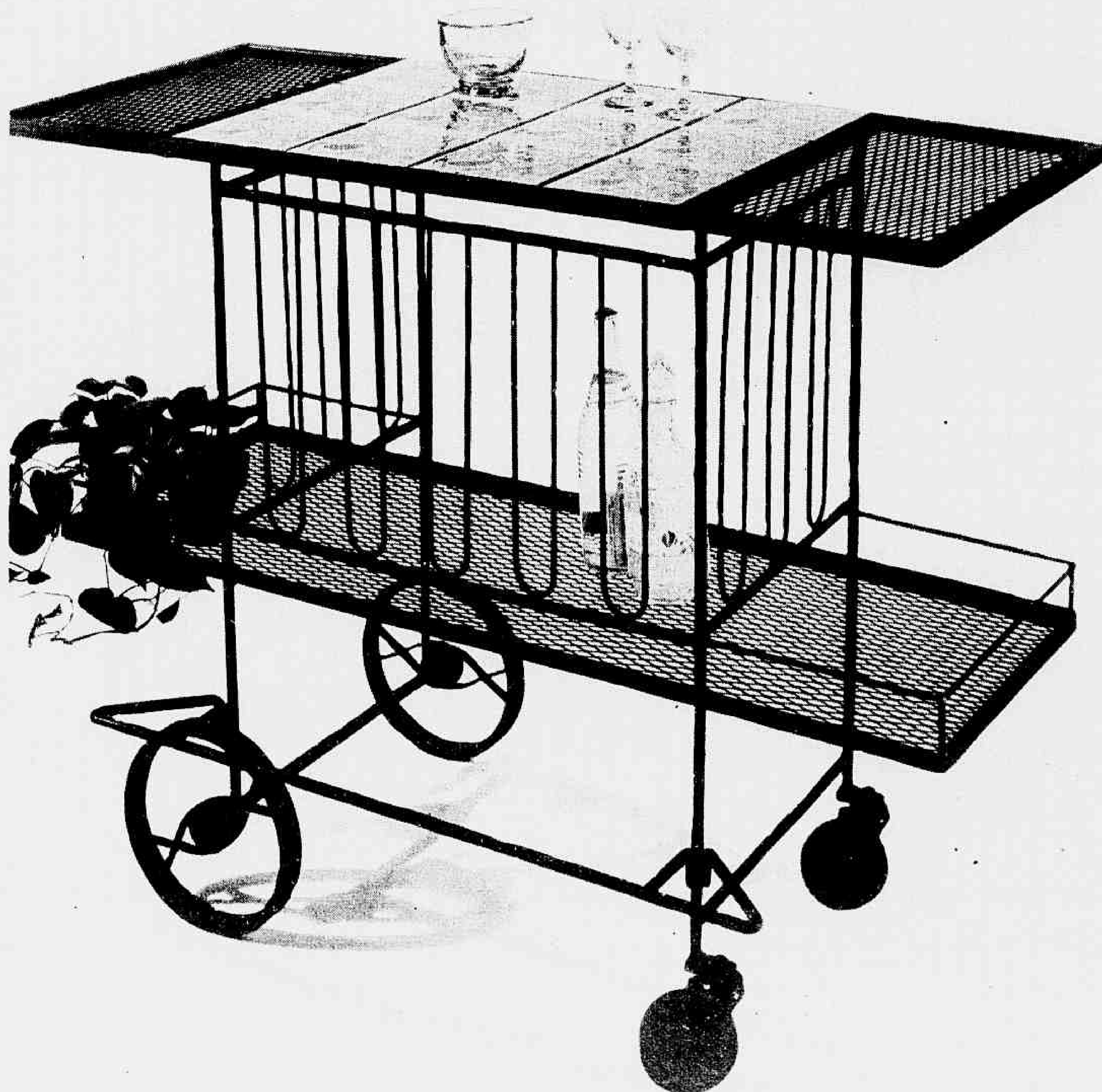


WEEK-END NA COZINHA

● Um môlho de salada diferente para o verão? Eis uma receita deliciosa preparada a base de... suco de laranja. Faça-a imediatamente antes de servir, pois o suco de laranja muda fàcilmente de gôsto.

1 — Misture em banho-maria, 1/2 colher das de açúcar, 3 colheres das de sopa de farinha de trigo, uma pitada de sal, outra de mostarda em pó. Junte um ôvo e bata ligeiramente. Acrescente 1/2 xícara dágua e 1/4 de xícara de suco de laranja (pêra é a melhor). Cozinhe em banho-maria, mexendo sem parar até engrossar. Acrescente casca de 1 limão ralado e o suco de 1/4 de limão. Cozinhe mais três minutos.

2 — Tire do fogo. Junte 2 colheres das de sopa de manteiga mexendo até misturar bem. Deixe esfriar. Sirva sôbre a salada.



SUGESTÃO PARA O LAR

● Se você está procurando a mais prática das maneiras de servir bebidas e refrescos às suas visitas, quer na sala, na varanda ou no terraço, é indispensável que tenha uma mesinha de rodas. E por falar em mesinhas de rodas, elas evoluíram muito, desde àqueles tempos em que eram apenas «trambolhos» mais ou menos horríveis e incômodos dos tempos da vovó.

● Hoje são graciosas, leves, e de fácil limpeza, como êste modêlo do arquiteto italiano Salterini, em ferro laqueado de negro, com tampo em azulejos pintados a mão. Dispõe de espaço bastante para garrafas e copos, e a parte superior é bem ampla para a preparação de coquetéis e outras misturas, alcoólicas ou não.

NOITE EXISTENCIALISTA

NO JOÃO CAETANO

Autêntica festa parisiense a apresentação dos "travestis", num desfile verdadeiramente espetacular — Fantasias caríssimas e extravagantes deixaram os turistas boquiabertos — Milionários e miseráveis confraternizados pela solidariedade de classe — Quando a fantasia completa a personalidade.





Flagrante feito quando os «travestis» se preparavam para o desfile, cercados pelos turistas que não regatearam aplausos ao curioso espetáculo.

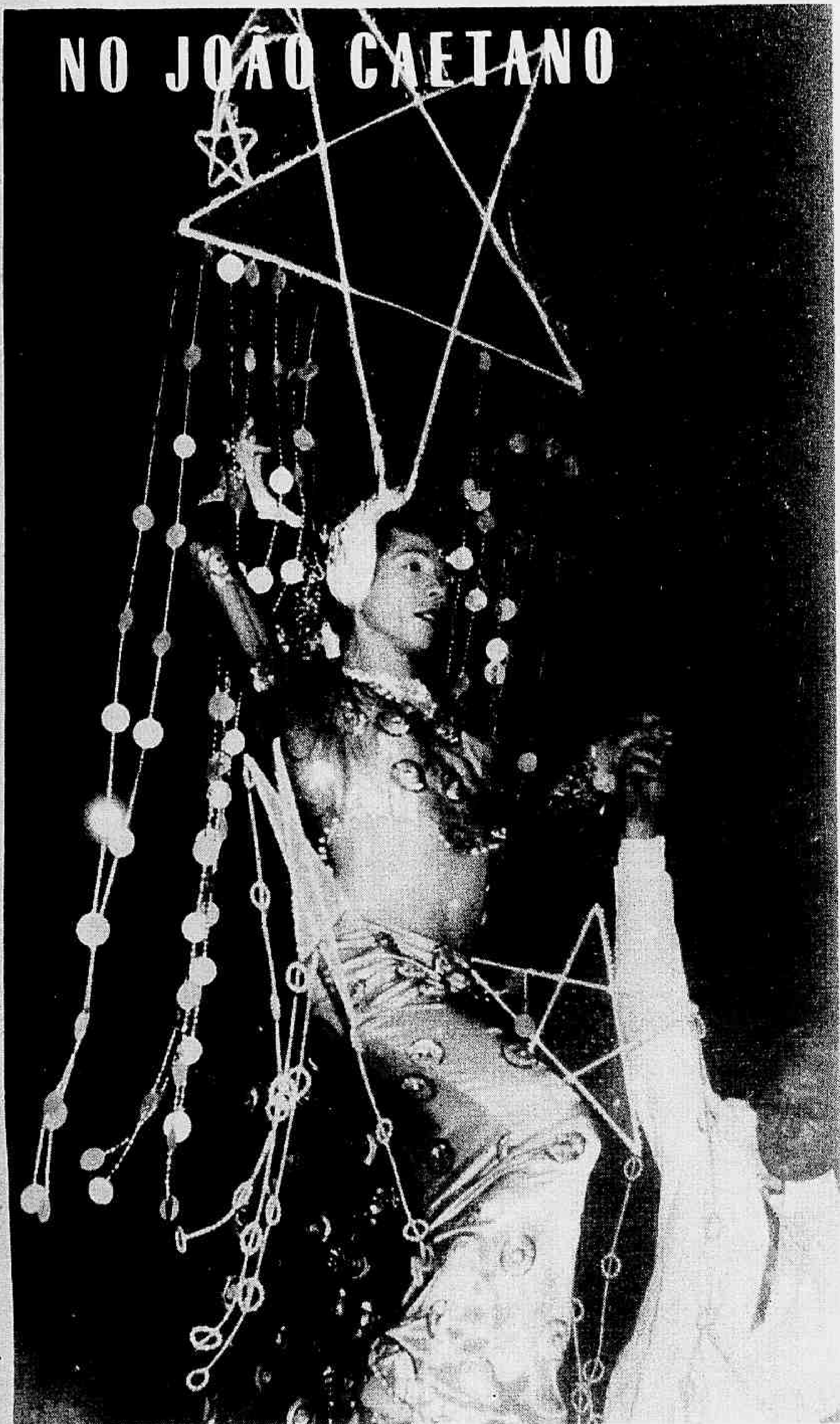


Eram muitos os turistas presentes ao João Caetano, conforme fixou a objetiva do fotógrafo. Inglêses, americanos, franceses e outros, trocavam sorrisos com «Santa», «Matilde» e «Odete», que usavam alianças na mão esquerda e que por isso mesmo conservavam-se sempre quietinhos.

POR muitos anos, o baile do «travesti» — que a princípio era realizado no Teatro República e depois se transferiu para o João Caetano — constituiu uma atração de plano inferior. Só o populacho dêle tomava conhecimento, e a sua freqüência longe estava de justificar um atrativo carnavalesco de maior importância, até quando as agências de turismo passaram a incluí-lo entre as grandes curiosidades, as extravagâncias predominantes, da nossa festa eminentemente popular. E o que vinha se mantendo longe dos olhos do público, passou a ser exibido ostensivamente, com a presença de milionários norte-americanos e europeus, gente acostumada a freqüentar em Greenwich Village e em St. Germain Du Prés, a espetáculos dessa natureza. O Rio provinciano tinha pudôr de mostrar, siquer às famílias de casa, a existência dêsse baile extranho, mas o Rio cosmopolita que aí está, pensa de modo diferente. E porque o turismo vive dessas originalidades — cujo aspecto moral não é discutido pelos hoteleiros, não poderíamos deixar de focalizar êsse lado extravagante do Carnaval carioca, condenado por muitos, aplaudido por alguns e discutido por todos. Em nossa opinião trata-se de um espetáculo deprimente,



NO JOÃO CAETANO



Uma das mais caras fantasias apresentadas durante o baile do João Caetano: Denomina-se «Amor e Dinheiro», idéia de um «travesti» japonês.



Verdadeiramente alucinante é a fantasia «Borboleta Sutil», apresentada no baile. Seu preço, Cr$ 40.000,00. O dono é brasileiro, de Copacabana.



Outra fantasia original e de confecção admirável. Custou, segundo declarações de seu dono, a importância de Cr$ 300.000,00 e 1 mês de trabalho.



O México também estêve representado. A luxuriante vestimenta pelo «travesti» mexicano usada, custou cêrca de meio milhão de cruzeiros.



Fantasia extravagante, mas bonita. Seu preço elevado compensou porque durante o desfile, foi muito aplaudida, possìvelmente porque, além da fantasia, seu rosto lembrava uma adolescente

NO JOÃO CAETANO



Às vêzes, certos «travestis» (como êste) exibem «plástica» que muita mulher inveja. Vejamos por exemplo, a pessoa da fotografia cujas pernas arrancaram aplausos até de moças bonitas.



Eis um sujeito conhecido pela alcunha de «Cleópatra». Sua fantasia era quase tôda confeccionada em cetim e ornado de pérolas legítimas.



Êste é um velho conhecido da polícia carioca, mas, no Teatro João Caetano, foi uma das boas atrações, graças a sua bonita e vistosa fantasia.



Fantasias, fantasias e fantasias que na opinião de muitos «abafaram» a festa do Municipal. Foi realmente um espetáculo digno de nota.

lastimável sob o ponto de vista moral, mas êle existe, constitui um dos mais curiosos ângulos do famoso Carnaval do Rio e aí está documentado através da série de flagrantes que divulgamos nestas páginas. **(Fotos de V. LIMA)**

● **AS MELHORES FANTASIAS** — Apesar de não terem sido ofertados prêmios em dinheiro, os Cronistas Carnavalescos nomearam uma Comissão para julgar as melhores fantasias. Mas, o critério do público presente ao João Caetano também contava pontos. Por isso mesmo, ficou decidido que «Pássaro Real», e «Borboleta Sú-



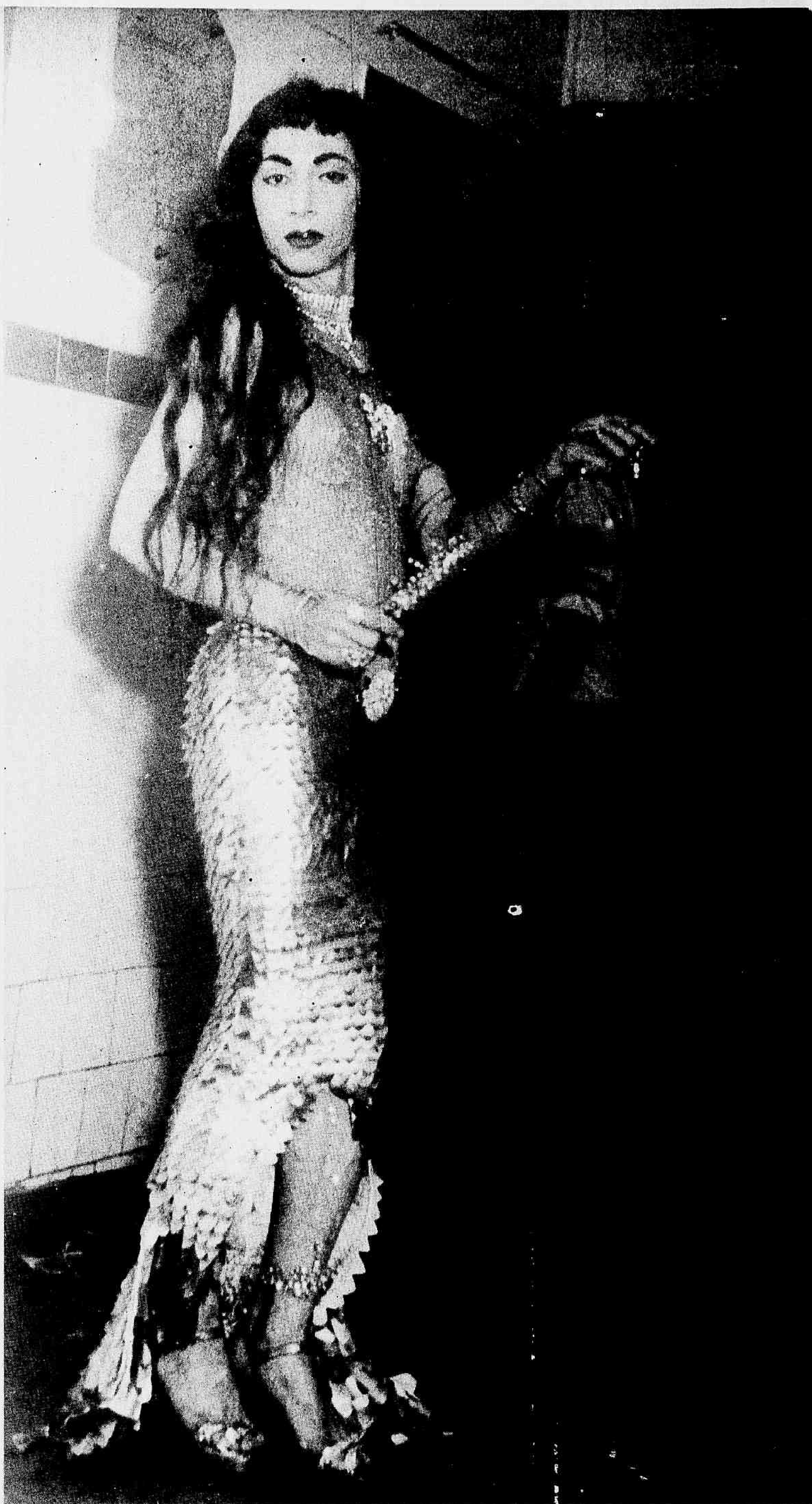
Mas havia também aquêles que se apresentavam pobremente vestidos e que por isso mesmo foram vaiados pelo grande público presente.



«Mamãe eu Quero», foi o nome dado à fantasia pelo seu portador. «Mamãe eu quero... é vaia», disseram os assistentes. E foi mesmo.



A fotografia obtida com dificuldades, apresenta um multi-milionário que não queria que a família soubesse da sua presença no baile.



«Sereia», fantasia que na opinião dos turistas, era a mais bem confeccionada da festa. Custou apenas a importância de Cr$ 35.000,00, mas foi das mais aplaudidas do Teatro João Caetano.

til» dividissem as honras da vitória. Mas, na hora em que deveriam ser proclamados os vencedores, a fim de não ferir «as almas sensíveis» de alguns concurrentes que reclamavam justiça, ficou decidido o seguinte:

Não haveria vencedores nem vencidos entre cêrca de 20 primeiros colocados, dentre os quais se destacaram as fantasias denominadas «Justiça Estilisada», «Sereia», «Roda da Fortuna» e «Preconceito», sendo que esta última foi apresentada pelo «travesti» francês que era carinhosamente chamado de «Jane», pelos colegas.

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

COMISSÃO DE DISTRIBUIÇÃO DE FESTAS DE NATAL AOS FILHOS DOS FERROVIÁRIOS

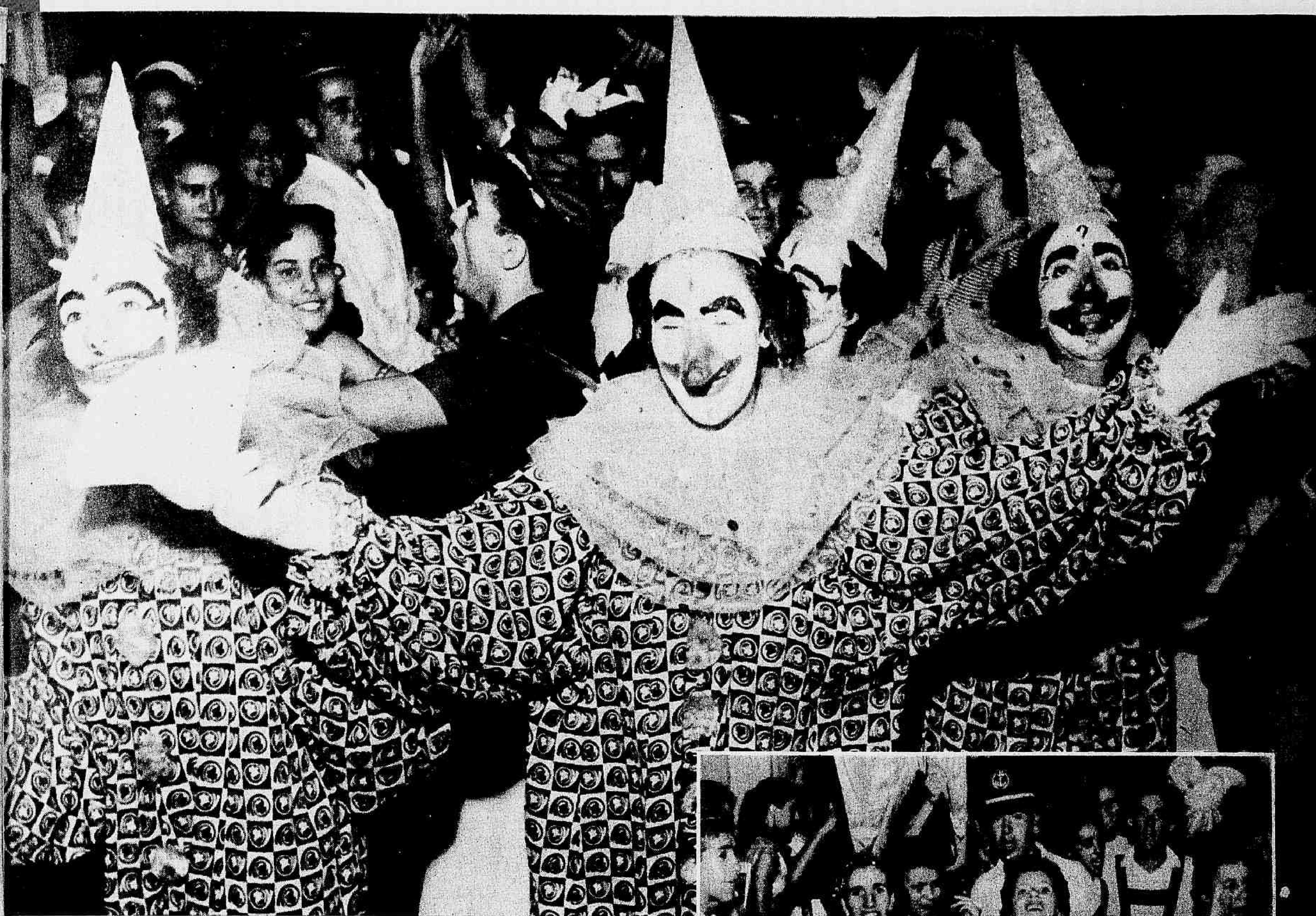
(Lei nº 1.163, de 22 de julho de 1950)

DEMONSTRAÇÃO GERAL DA RECEITA E DA DESPESA, EM 31 DE JANEIRO DE 1955 —— NATAL — 1954

RECEITA	Importância Cr$
Donativos	
Recebido dos seguintes:	
Sociedade Nacional Reconstrutora Ltda. «Sonarec»	25.000,00
Casa Lopes Ramos Cereais Ltda.	50.000,00
Norton, Mogaw & Cº Ltd.	100.000,00
Cia. Construtora Pederneiras S. A.	50.000,00
Cia. Industrial Santa Matilde	100.000,00
Walter Buttel & Cia. Ltda.	20.000,00
Irmãos Ferraro & Cia. Ltda.	50.000,00
Cia. S. K. F. do Brasil Rolamentos	75.000,00
Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas	75.000,00
Armando Basílio	20.000,00
Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira	50.000,00
Fábrica Nacional de Vagões S. A.	100.000,00
Zeferino Coelho Borges (Proprietário da Loja 17 do hall do Edifício D. Pedro II	3.000,00
Materiais Industriais S. A. «Matisa» do Brasil	50.000,00
Roberto Kronig & Cia. Ltda.	7.500,00
Comercial e Industrial de Artefatos de Eletrotração Ltda.	7.500,00
Sacilotti & Trepichio Ltda.	150.000,00
Companhia Meridional de Mineração	50.000,00
Servix Engenharia Ltda.	25.000,00
Cavalcânti, Junqueira S. A.	20.000,00
Mineração Geral do Brasil e Minas da Jangada S. A.	10.000,00
Icominas S. A. e Companhia Siderúrgica Cruzul Ltda.	8.000,00
José Pacifico Homem e Minas do Paraopeba S. A.	6.000,00
Sociedade Brasileira de Mineração	5.000,00
Minas de Ferro S. A.	5.000,00
Antônio Pacifico Homem Júnior	4.000,00
Emprêsa de Mineração Esperança Ltda.	2.500,00
Cia. Mineração Ferro e Carvão e Cia. de Mineração Serra da Moeda	2.500,00
W. H. Mulier S. A.	7.000,00
Distribuidora de Papeis e Artes Gráficas S. A.	20.000,00
Carbonífera Caeté Ltda.	150.000,00
Shell Brazil Limited	20.000,00
C.I.V.E.L. — Construção, Indústria, Viação e Engenharia Ltda.	150.000,00
Cia. Brasileira de Material Ferroviário	100.000,00
Diversos	22.549,10
Cia. Brasileira de Sinalização	150.000,00
C. Gusmão & Cia.	10.000,00
Companhia Interestadual de Terraplenagem, Obras e Representações — CITOR	100.000,00
Artes Gráficas Palmeiras	10.000,00
Cotelma S. A. — Engenharia e Comércio	50.000,00
General Electric S. A.	25.000,00
Rafael Guaspari — Tecidos e Confecções S. A.	20.000,00
União Fabril Exportadora S. A. — (U.F.E.)	5.000,00
Construtora Rabello Ltda.	100.000,00
Emprêsa de Transportes Minas Gerais S. A.	20.000,00
Companhia Construtora Brasileira de Estradas	100.000,00
Accacio Monteiro & Cia. Ltda.	20.000,00
Lojas Liaman de Roupas Ltda.	20.000,00
E. Cid & Cia.	10.000,00
I.R.F.A. — Indústrias Reunidas de Ferro e Aço Ltda.	20.000,00
Ajax Corretores de Seguros S. A.	6.000,00
Emprêsa Nacional de Saneamento	50.000,00
«Emafer» Engenharia Materiais Ferroviários S. A.	30.000,00
Soma	2.286.549,10
Saldo — Natal de 1953	196.239,10
TOTAL GERAL	2.482.788,20

DESPESA	Importância Cr$
Fornecedores	
Pago aos seguintes:	
Luiz Pinto Loureiro. Importação, Comércio e Representações S. A. (brinquedos)	2.235.586,00
Agostinho Ferreira (ferragens) Limitada (brinquedos)	34.560,00
Fábrica de Brinquedos Leão (brinquedos)	88.400,00
Bhering, Companhia S. A. (balas)	3.213,00
Emprêsa Queiroz Comércio e Indústria de Papéis S. A. Invólucros para condicionamento dos brinquedos e (ornamentos)	30.225,30
Papelaria Alexandre Ribeiro Ltda. (ornamentos)	16.681,50
Outras despesas:	
Pequenas despesas efetuadas nos diversos setores de distribuição dos brinquedos, inclusive transporte e fornecimento de refeições ao pessoal encarregado de distribuição dos brinquedos	11.900,00
Saldo em poder do Sr. Tesoureiro-Geral — Dr. José Moacyr Lamarca, a ser aplicado em benefícios de Assistência Social	62.222,40
TOTAL GERAL	2.482.788,20

Rio de Janeiro, D. F. 31 de janeiro de 1955. — **José Martins Ferreira**, Contador (Reg. 1099 —CNC/DF). — Confere: **Maria José Paiva Simões**, Presidente. — **José Moacyr Lamarca**, Tesoureiro-Geral. — Visto: **Jair Rêgo de Oliveira**, Diretor.





MONTANHA CLUBE

• *O Carnaval também foi muito animado no Montanha Clube, que realizou grandes bailes à fantasia com uma freqüência das melhores. Em ambiente familiar de intensa alegria, os associados do elegante clube tijucano divertiram-se bastante nos dias de Carnaval.* (Fotos A. Veira).

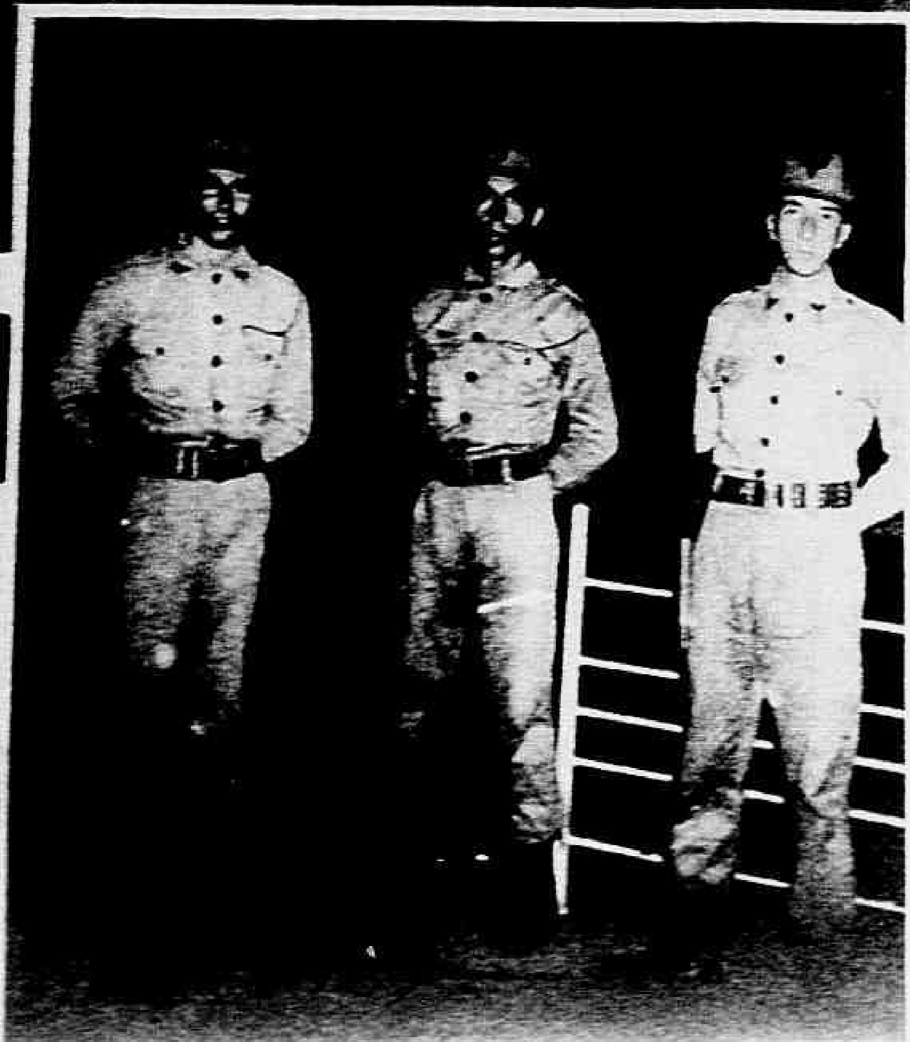






MÁSCARAS FEIAS E ROSTINHOS BONITOS ANIMARAM AS FESTAS DO MONTANHA CLUBE, PROVANDO QUE ÊLE É O MAIOR.





Todo mundo pulou e sambou a noite inteira. Nin

BAILE DO IATE








guém dormiu, inclusive os responsáveis pelo policiamento, que estiveram vigilantes

O Iate Clube do Rio de Janeiro realizou uma das mais animadas festas carnavalescas de 1955. Favorecido pela localização de sua sede social que fica encravada num pitoresco recanto da avenida Pasteur, o Iate, bafejado pela brisa marinha, conseguiu levar a efeito uma festa em temperatura fria e agradável, com ânimos "quentes", pois os foliões pularam e gritaram até as 4 horas da manhã do dia 23, só não indo mais longe em virtude das determinações da Chefia de Polícia. Apesar de não terem sido apresentadas fantasias luxuosas, o ambiente do Iate era dos mais agradáveis em virtude do apreciável número de belas senhoritas, além de turistas americanos, artistas nacionais do teatro de revistas, cinema, etc. O Baile decorreu na mais completa ordem, não se registando nenhuma ocorrência grave. O salão infelizmente, estava muito mal decorado, o que não influiu no ânimo dos foliões. O policiamento feito pelos "Cosme e Damião" foi perfeito, tendo-se a lamentar apenas a atitude de uma patrulha da Aeronáutica que ali estêve e se embarafustou pelos salões de maneira ostensiva.

BAILE DO IATE







Fotos colhidas no Iate Clube pelo nosso repórter, quando mais animada era a festa. Luiz de Carvalho entre duas artistas; e um grupo de jovens dentre as quais se destacou a moça de escuro, fantasiada de pintora, uma pintora que «pintou o sete». Arisdes Visconti, também.







Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 12 E 18 DE MARÇO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Pequenas modificações serão operadas no ambiente dos astros, em relação ao leitor. A situação continuará favorável, portanto, havendo chance para negócios e oferecerá excelentes oportunidades.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Haverá modificações para melhor, na sua posição em relação a terceiros. O leitor encontrará o apoio de que tiver necessidade e a melhor boa vontade da parte das pessoas às quais recorrer.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os melhores dias para solicitações, pedidos e para requerer no foro ou nas repartições do govêrno, serão 14, 16 e 17. Os dias restantes não lhe favorecerão a chance nem o seu magnetismo pessoal.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O ambiente dos astros lhe dará idéias muito equilibradas e lhe aguçará o senso da oportunidade. O leitor terá chance nas especulações e boa sorte nos amôres. Experimente e verá.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Não vá pelo coração, nestes sete dias. Feche-se para não ser explorado. Fluidos de natureza passiva lhe atingirão a personalidade, tornando-o débil sob o ponto de vista da vontade.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Guarde o terreno conquista. Não avance agora, nem se disponha a novas iniciativas. O momento não aconselha qualquer movimentação. Aguarde novas oportunidades, certo de que chegará ao fim das coisas já iniciadas.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor estará sujeito a sofrer violências, principalmente no seu direito, no curso da semana. A virulência de Uranus poderá provocar um forte desequilíbrio, prejudicando gravemente, seus interêsses.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os dias mais favoráveis, da semana, às suas iniciativas, serão 14, 15, 17 e 18. Os dias restantes serão fracos, muito embora tenham ambiência favorável. O setor sentimental será o mais beneficiado.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá atuação afortunada nas especulações. O momento é de chance, no seu caso, pois os astros transitantes desenrolarão uma verdadeira série de aspectos favoráveis em relação ao planêta que lhe preside o destino.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não abuse da paciência das pessoas que lhe dedicam amizade. Há perigo sério de rompimento e de perda de afeições antigas. No setor dos negócios, o rumo certo é o dos pequenos investimentos. Não se alargue.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Mantenha, em tôda linha, sua independência de ação e sua autonomia. Haverá uma forte tendência, na sua **entourage**, para dominá-lo. Recuse qualquer tutela. Os conselhos serão duvidosos e terão um único fim: desviá-lo do bom caminho.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Mantenha-se discreto, calmo, controle as emoções e se disponha a sofrer algum constrangimento. Os influxos reinantes na semana, não lhe favorecem nem as iniciativas nem o andamento das coisas já iniciadas.

OS NOMES DA SEMANA

Março, 12	—	Eudoro	—	Virgínia
" 13	—	Décio	—	Carlinda
" 14	—	Teotônio	—	Antonieta.
" 15	—	Wilson	—	Délia
" 16	—	Benevides	—	Almira
" 17	—	Custódio	—	Olga
" 18	—	Aprígio	—	Célia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março, 12	21º - 8' - 24"	(Signo dos Peixes)
" 13	22º - 8' - 15"	(" " ")
" 14	23º - 8' - 4"	(" " ")
" 15	24º - 7' - 51"	(" " ")
" 16	25º - 7' - 37"	(" " ")
" 17	26º - 7' - 21"	(" " ")
" 18	27º - 7' - 3"	(" " ")

ALÔ!... ALÔ... CONSUMIDORES DO "ÓLEO DE CEDRO" — O melhor para os móveis



Comecem a guardar o maior número possível de vidros vazios do "ÓLEO DE CEDRO".

Dentro de algum tempo, será lançado o mais sensacional Concurso: com distribuição de 33 prêmios, em Auditório. Cada vidro dará direito a uma participação. Prêmios de Cr$ 50,00, Cr$ 100,00, Cr$ 200,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00 e Cr$ 5.000,00.

No Concurso não poderá deixar de sair todos os prêmios. Tudo será feito às vistas do participante, de maneira a mais original.

Aguardem o sensacional Concurso do "ÓLEO DE CEDRO", o melhor para os móveis.

Com antecedência serão dadas as bases do Concurso. Entretanto, terá mais possibilidade quem tiver maior número de vidros vazios.

Algum dia a senhora dirá: — Concurso igual a êste nunca se viu!...

"ÓLEO DE CEDRO" — O melhor para os móveis

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME........................
RUA..................Nº.....
CIDADE......................
ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
- IMPORTADORES -
Mil



ELETRICIDADE
FREIOS HIDRAULICOS
LIMPADORES PARABRISAS
Mil RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
- A MILIONARIA DO CASTELO -



NO GINÁSTICO

● *Com o mesmo sucesso dos anos anteriores, o Clube Ginástico Português realizou o seu tradicional baile carnavalesco, que transcorreu em ambiente de grande animação, reinando grande alegria entre as numerosas famílias que compareceram à festa.* (Fotos A. Vieira).









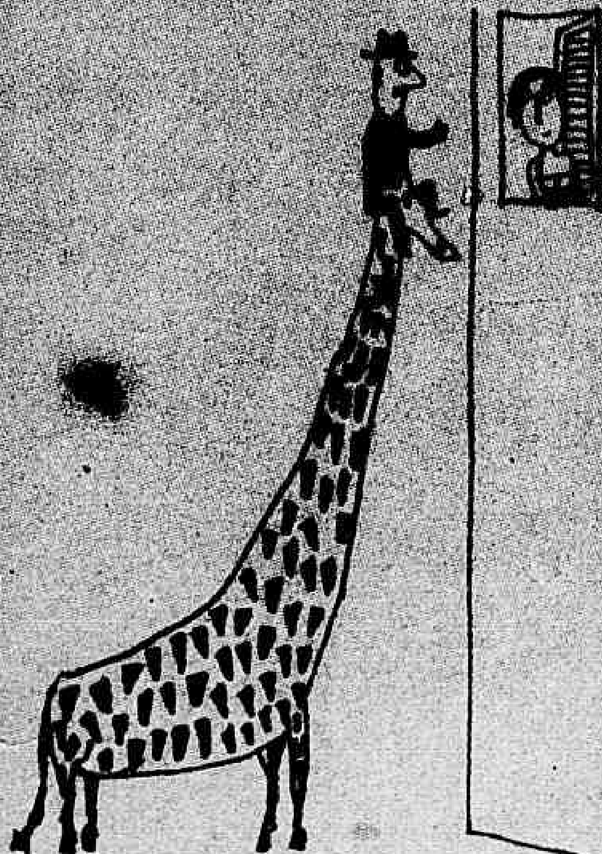


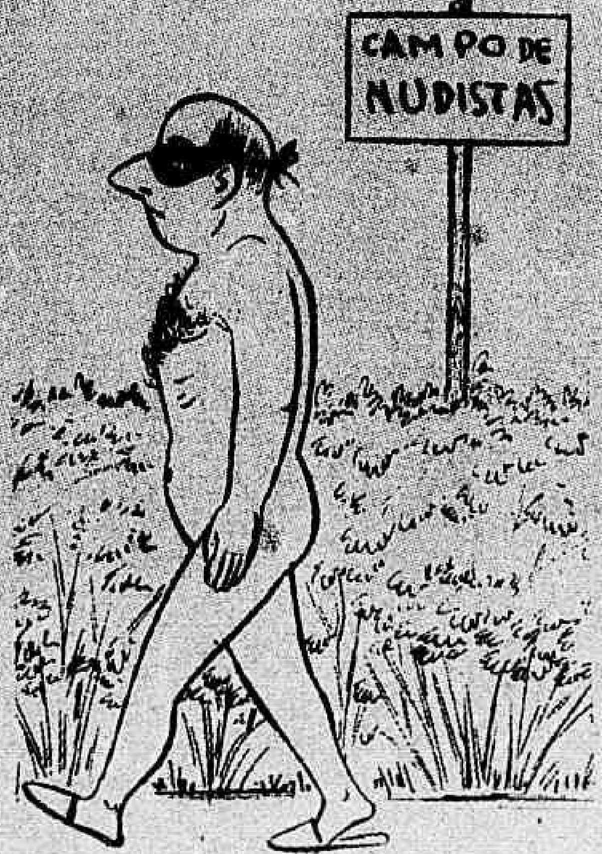




O RISO DOS OUTROS







"BLACK-BEER"

BARÃO DE BANGU

DEPOIS EU CONTO

● *Como Carnaval mistura tudo, gente bem e gente boa, sem risco de quebrar as sagradas tradições de minhas armas e brasões assinalados, posso falar à vontade da festa de Momo que a maior de tôdas justamente pelo cunho popular. Ainda com muita ressaca e transpirando "black-beer" por todos os póros vou ditando à minha secretária número 3 estas linhas sôbre a folia que passou. Apesar da Elaine Stewart que ficou por aqui tentando me conquistar, da Ginger Rogers que veio a meu convite e com o mesmo fim, da Miss Universo que se abalou até aqui para eu conferir a diferença das duas polegadas, apesar de tudo isso o maior sucesso foi mesmo de uns blocos divertidos que estrearam êste ano. Desfilaram na praça com grande sucesso "Depois eu Conto", "Bola "Prieta", "As Damas de "Prieto" e outros grupos de alegres mascarados muito conhecidos. Outro bloco novo que surgiu fazendo êxito foi o do "Caju Amigo", com muito sal e pimenta, animado por uma porta estandarte que já botou banca em Paris e no Catete. Tanto o "Bola "Prieta" como o "Caju Amigo" têm histórias de desabotoar o paletó como aquelas que... Bem, hoje estou muito quarta-feira de cinzas, depois eu conto.*

NOTÍCIAS DE CEGONHA

Na véspera de Carnaval aconteceu o casamento do jovem Senhor J. R. Proença com a bela Senhorita Julinha S. Marques, cerimônia simples de caráter inadiável. O noivo embarcou pela Central do Brasil para a lua de mel em Ibicuí, onde não chega o barulho de Momo, e a noiva seguiu imediatamente para a maternidade-escola a fim de receber (decididamente) a visita da cegonha.

* * *

A jovem Senhora Mariquinha S. Ferreira foi visitada (decididamente) pela cegonha em pleno Carnaval quando pulava um frêvo no Bola Prêta. Mais uma cabrocha que veio ao mundo em ritmo de pau-de-arara.

* * *

Em dias de novembro do corrente ano a cegonha visitará decididamente diversas senhoras do nosso timbuca-society que passaram o Carnaval em retiro espiritual, fazendo sadios e pitorescos convescotes (o Barão detesta galicismos) enquanto seus caros metades (eternos traidores) sob a alegação de trabalho obrigatório na segunda-feira, caíram na folia.



Rádio-foto-interplanetária gentilmente cedida pelos 79 mil jornais dissociados do Planêta Marte. Esta é uma visão marciana do Barão de Bangu que ilustrou um tópico da colunista Gregória Bôca Rica. Reprodução proibida neste e em outros mundos.

DE CAPA E ESPADA

Acabo de receber seguras informações do meu correspondente do Largo do Boticão revelando que o Excelentíssimo Senhor Abrahão Fued desafiou o não menos Excelentíssimo Senhor Jaminto de Mornes para um duelo de capa e espada, pretendendo ambos convidar o Barão de Bangu para árbitro por ser absolutamente neutro no assunto e estranho às rodas de malandragem. Adiantou o meu informante que o Senhor Jaminto vai topar a parada mesmo sem capa nem espada, saindo no braço ou na capoeiragem... Sendo assim, o Barão perde a sua neutralidade e fica do lado do Maneco.

IMPORTANTE-SENSACIONAL

● **A colunista Gregória Bôca Rica que escreve para uma rêde de 79 mil jornais do planeta Marte e tem um programa de televisão numa fabulosa cadeia de 96 mil estações da Lua, acaba de fazer um rasgado elogio ao Barão de Bangu e a esta importante coluna. Pela primeira vez na história de todos os tempos um colunista dêste GLOBO recebe a distinção extra-terrena de ser citado por Sua Alteza Ilustríssima Excelentíssima Senhora Gregória Bôca Rica!**



Terminada a sessão, Ginger Rogers manifestou o desejo de experimentar os tambores, cujos batuques tanto animam a Macumba, crença de negros e brancos, espetáculo semi-bárbaro que sobrevive de curiosidade de alguns e do fanatismo de outros.

UMA AMERICANA

NA CÔRTE DO REI EXU

SESSÃO ESPECIAL DE MACUMBA PARA GINGER ROGERS — FIGURAS DA ALTA SOCIEDADE CONFRATERNIZANDO COM CABOCLOS E PAIS DE SANTO — O SACRIFÍCIO DO "GALO PRÊTO", "MARAFO" E DEFUMADOR NO TERREIRO URUÇU - MIRIM

Texto de DIRCEU EZEQUIEL Fotos de FERNANDO RIOS



Um «caboclo africano» que se arrasta pelo espaço a milênios, «incorporado» na mulata, grita e gesticula enervando os espectadores da macumba

UMA AMERICANA NA CÔRTE DO REI EXÚ



A «estrêla» cinematográfica Ginger Rogers fêz sentir aos seus hospedeiros, sr. e sra. Jorge Guinle, que gostaria de assistir a uma autêntica macumba. E foi um Deus nos acuda. Ela partiria no dia seguinte, não era possível levá-la a um terreiro, onde isso acontece sòmente às sextas-feiras de dias determinados. Porém havia um «show» com ótima apresentação do ritmo afro-brasileiro... que já havia saído do cartaz! E agora, que fazer?

A situação foi resolvida com um telefonema de Guinle ao dr. Tapajós. Êste combinou que faria a sessão em menos de 24 horas. O terreiro? Serviria o «Chalet Uruçu-Mirim», um recanto esquisito e iluminado a luz de querosene, situado nos altos do Hotel Glória. E os macumbeiros? Solano Trindade e os seus homens resolveriam o problema.

Ginger Rogers, seu marido Jascques Bergerac e o casal Jorge Guinle assistem com grande entusiasmo a Omulê e Ogum Megê, num dos momentos culminantes do «trabalho, feito para a «estrêla»





SEM PRECONCEITOS

GINGER ROGERS ASSISTIU A UMA AUTÊNTICA MACUMBA!

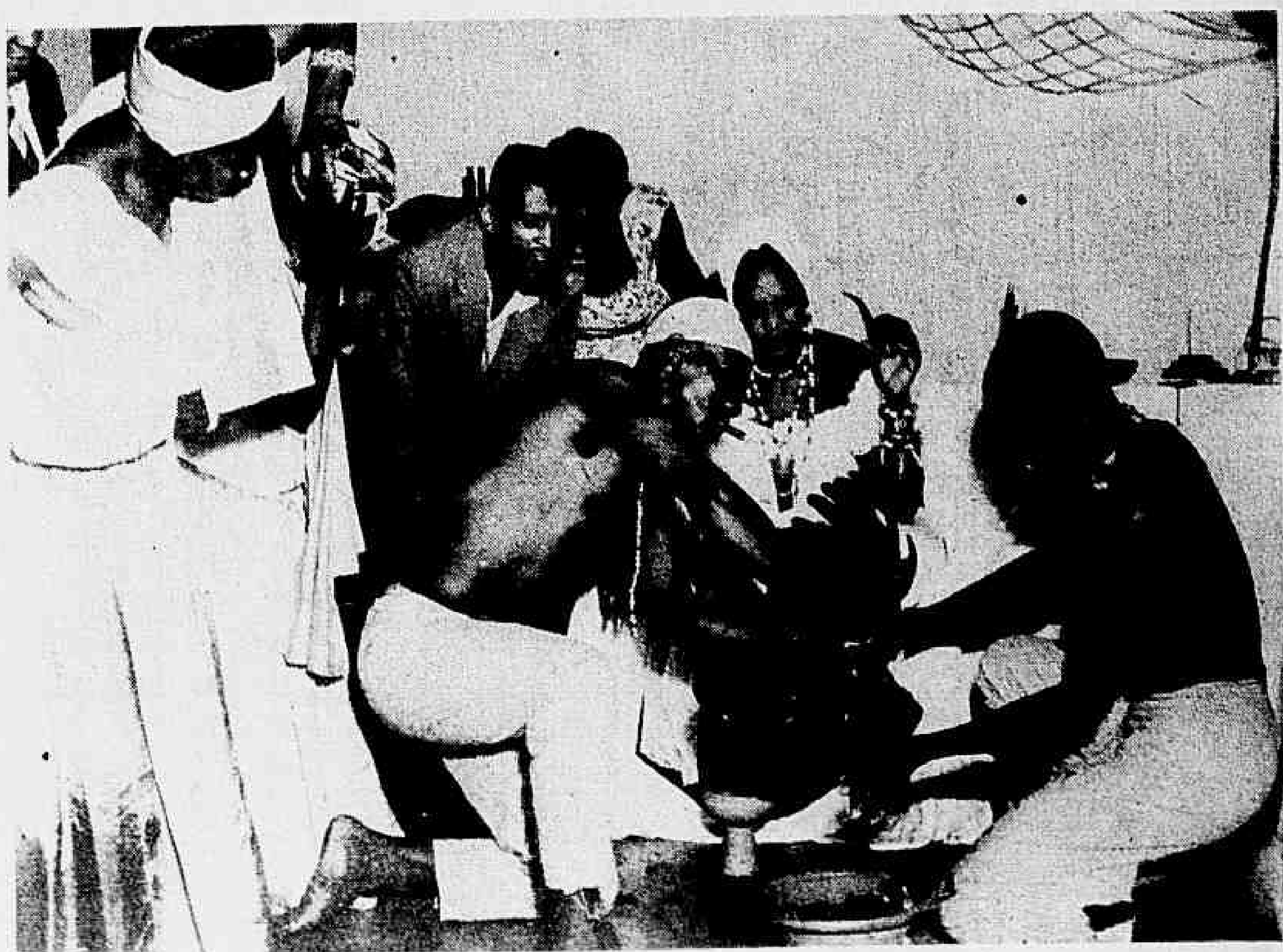
Quando a «estrêla» chegou, estava acompanhada por Jacques Bergerac, o ator francês seu marido; o sr. Jorge Guinle, o Embaixador Walter Sarmanho e sra.; sr. e sra. Aluízio Muniz Freire; sr. José Caraballo e sra.; sr. João Miranda Jordão e sra.; sr. Gustavo Magalhães; sra. Lilita Vasconcelos e outros. Já a aguardavam o sr. e sra. Walter Quadros; srta. Joy Pessoa; srta. Maria Lúcia Cortez; sr. Virgílio Pires de Sá; sr. Abelard Coimbra Bueno; srta. Maria José Faria de Paula; srta. Regina Sampaio Doria; srta. Margaret Hutt; sr. Antônio Seabra Moagi; srta. Lenita Galliez Pinto; sr. Francisco Mac Dowell; srta. Diva Dolabella; srta. Suzana Goes, e ainda os cronistas sociais Pedro Muller (Peter), Ibrahim Sued, José Mauro, dr. Eduardo Tapajós e outros.

Logo após, num ambiente de meia luz, bem mística, teve início a macumba, com a apresentação de tôdas as figuras, e em todos os detalhes, inclusive o sacrifício do Galo Prêto, a beberagem de «Marafo», e o estupendo e enervante «finale».



GINGER ROGERS CONFRATERNIZA-SE COM OS





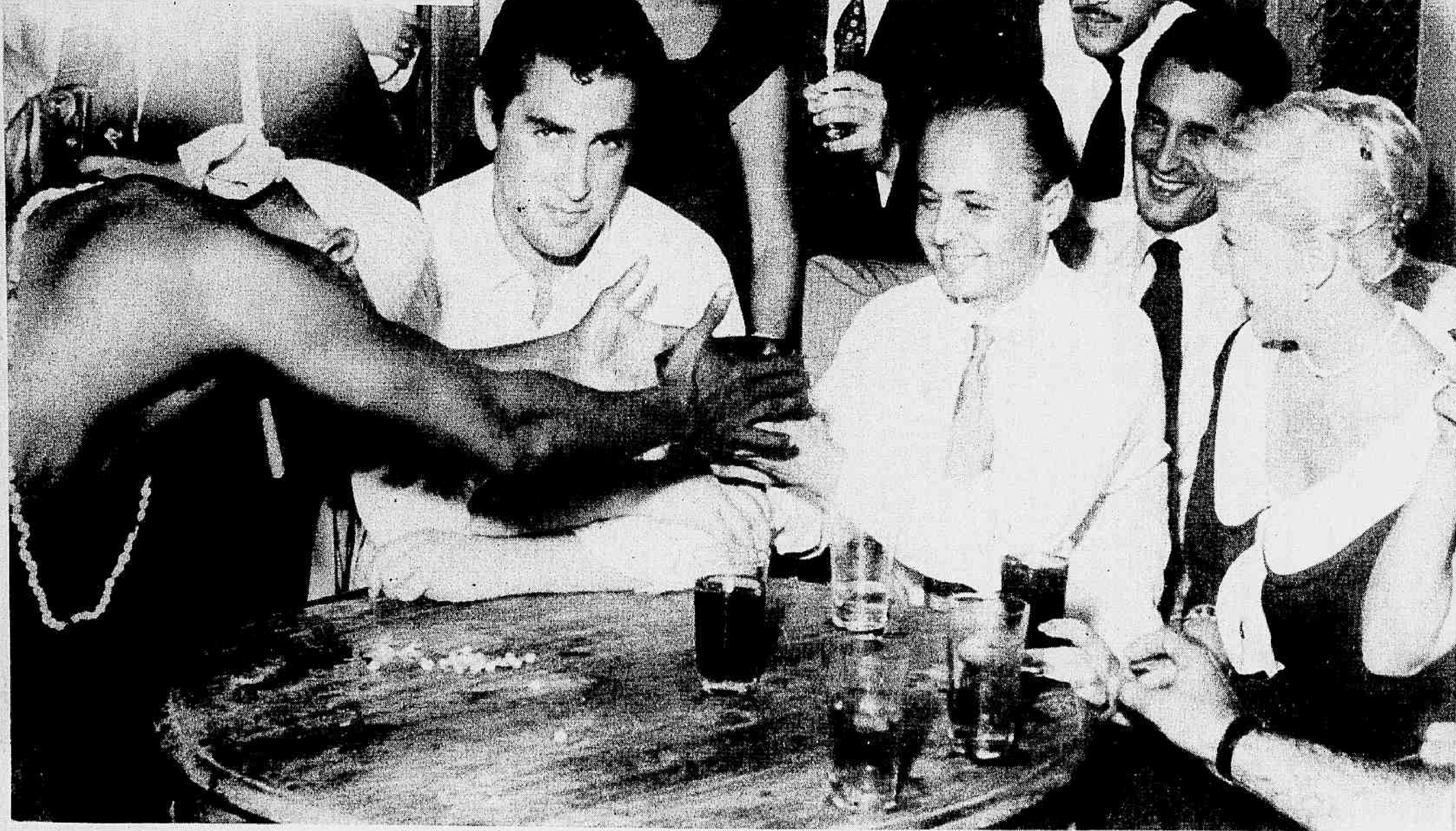
Exu «incorporado» e o Caboclo «Tentação», sob as vistas da «Mãe de Santo» e todo o «Terreiro» em transe praticam o estranho cerimonial que é o sacrifício do galo prêto. Todos fumam e bebem «marafa», num tributo de fé que para muitos representa apenas um espetáculo artístico.

UMA AMERICANA NA CÔRTE DO REI EXU

A «Mãe de Santo» acende o incenso que lhe oferece o espírito Omulê, dando início à defumação para «descarregar» o meio ambiente.

GRATA LEMBRANÇA

Tôda a sociedade, presente ao acontecimento, aplaudiu vivamente o espetáculo, que quase todos assistiam pela primeira vez. Encerrado o mesmo, Solano Trindade ofereceu a figura em madeira de deus Exu, a Ginger Rogers, acompanhada de uma figa, contra os maus espíritos. Ela aceitou com um sorriso, prometendo guardar tudo como lembrança, e coisa que mais a emocionou desde que recebeu o Oscar da Academia de Hollywood, pela sua atuação no filme «Kitty Foyle». Encerrando a noite, foram apresentados números de danças folclóricas, tais como Maracatu, Côco, Batuque e, finalmente, o Samba. Quando êste último número teve lugar, Ginger Rogers foi brindada por todos os presentes com um «drink», e convidada a sambar, o que aceitou, encerrando a festa com um pequeno carnaval, em que todos sambaram, sem preconceitos de raça, côr ou religião, numa confraternização espetacular de espírito.



O «Cambono» oferece «marafo» (cachaça) e Ginger Rogers, Jorge Guinle, Bergerac, Eduardo Tapajós e outros «brancos». Todos acham muito engraçado, mas preferem mesmo o bom «whisky»...

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 11 — Rio de Janeiro — 12-3-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente........................**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial........................**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente........................**Wenceslau Quintais**
Redatores e corretores...**S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

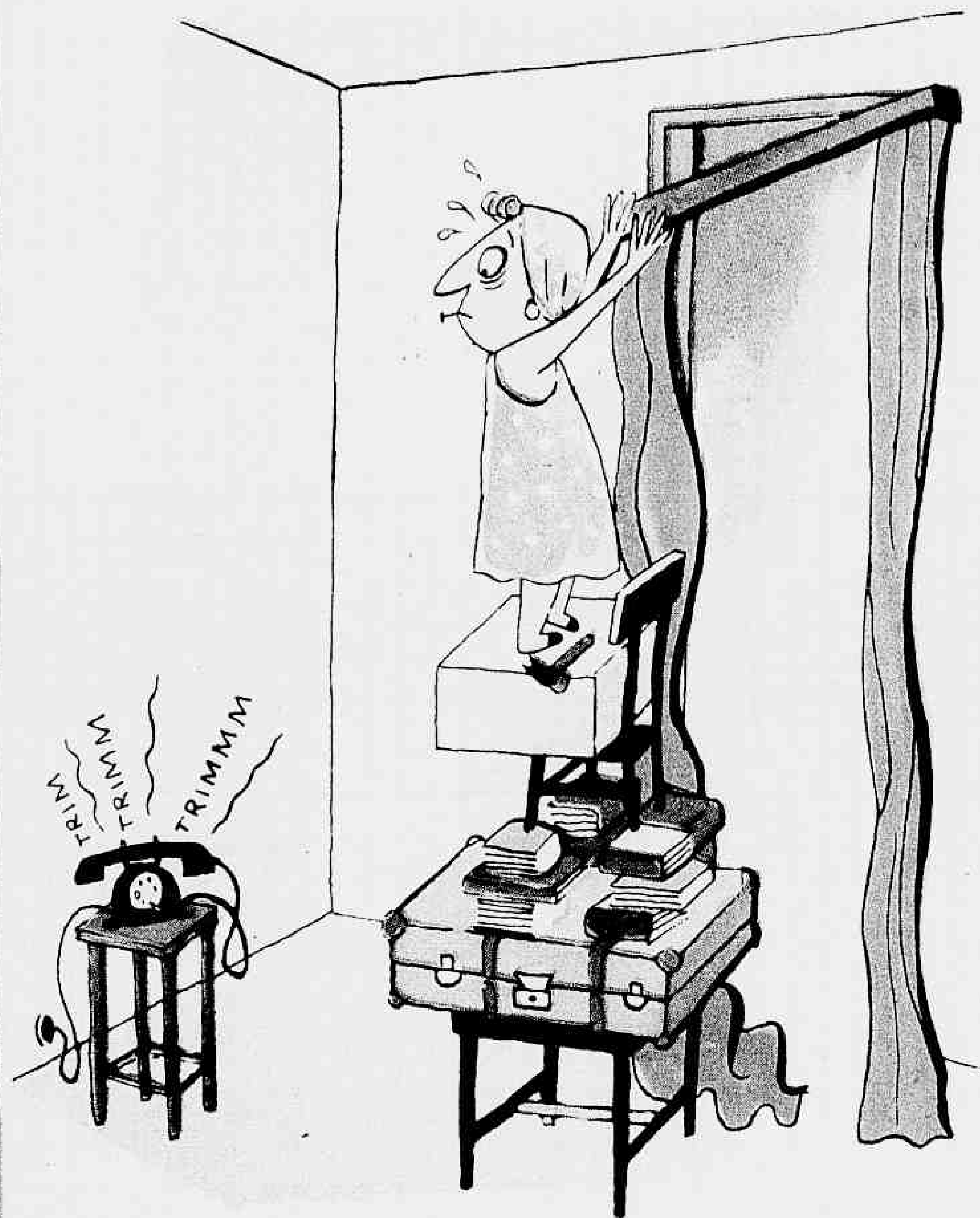
A figura em foco

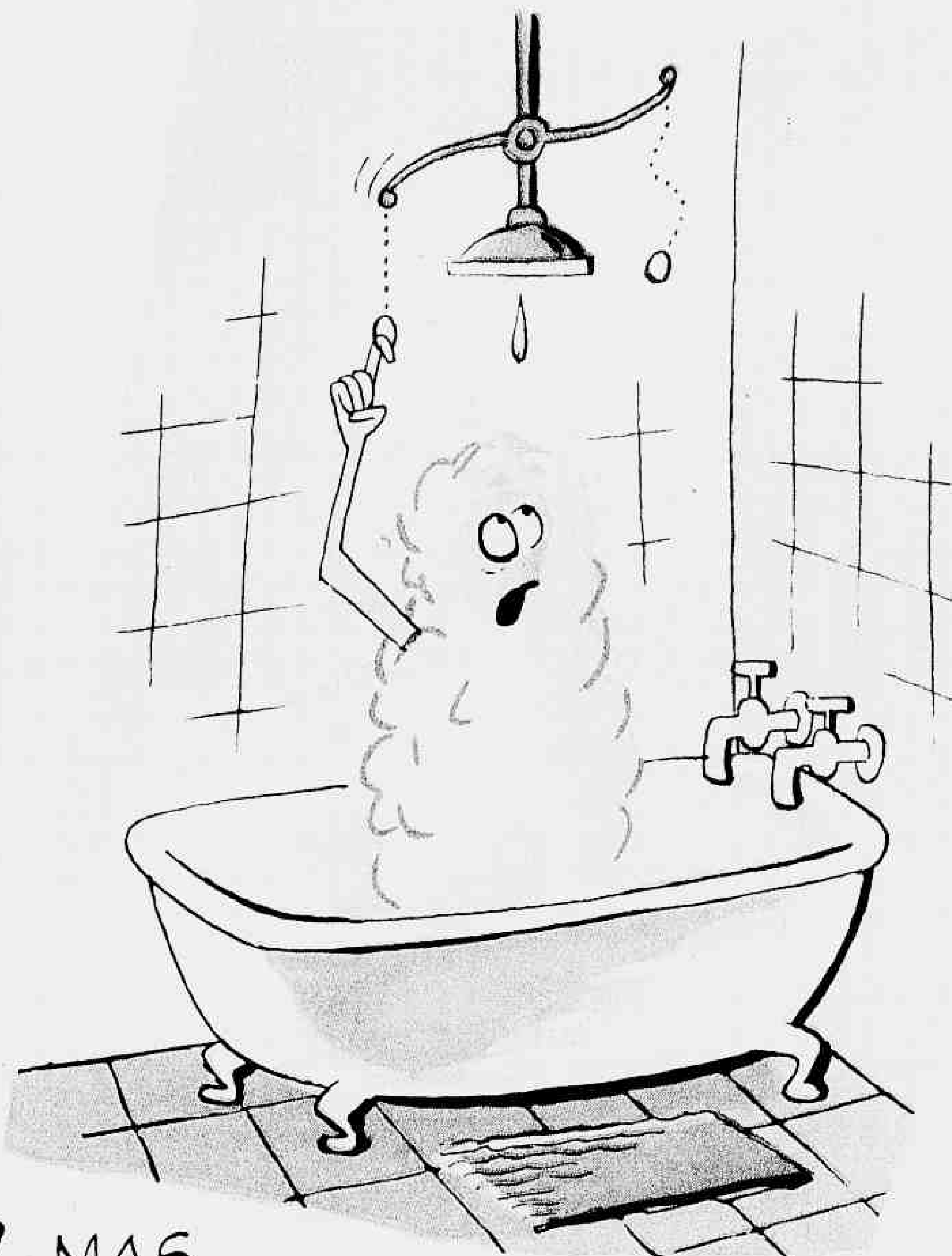


I. R.

Sem um rei e quase sem coroa
Ela foi Rainha nesse Carnaval.
Uma soberana alegre e muito «boa»,
De fazer inveja a qualquer rival.

FORTUNA (em resposta a Vão Gôgo) APRESENTA estas





-O QUÊ? MAS LOGO AGORA?





São NOVAS





-DESCULPE, PENSEI QUE FÔSSE O MEU MARIDO.







NO PRÓXIMO NÚMERO NOVAS REPORTAGENS DO CARNAVAL DE 1955